

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

SALETE VERONICA DAL MAGO

**LUGARES TEOLÓGICOS DA
REVELAÇÃO DIVINA NO PENSAMENTO
DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA**

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Orientador

Porto Alegre

2009

SALETE VERONICA DAL MAGO

**LUGARES TEOLÓGICOS DA REVELAÇÃO DIVINA
NO PENSAMENTO DE ANDRÉS TORRES QUEIRUGA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2009

A gratidão é a memória do coração.
Meu agradecimento a Deus e à
Congregação das Irmãs Franciscanas
de Nossa Senhora Aparecida pela
oportunidade desse aprofundamento
teológico. Agradeço também ao meu
orientador Prof. Dr. Luiz Carlos
Susin, que me orientou no decorrer
deste trabalho.

RESUMO

A presente dissertação sobre os *Lugares teológicos da revelação divina no pensamento de Andrés Torres Queiruga* tem por objetivo aprofundar a compreensão dos lugares da revelação divina tendo como base as ideias do grande autor moderno, Andrés Torres Queiruga. Inicialmente analiso a questão da revelação como experiência humana, tendo Deus como sujeito. Na perspectiva de Queiruga, a revelação não cai do céu, como algo estranho aos humanos. O processo revelador integra-se na própria constituição do ser humano. Deus toma a iniciativa de se revelar. Revela-se a todos e desde sempre na generosidade irrestrita de seu amor. Seguindo os passos de Queiruga, nesta dissertação, investigo ainda o modo como Deus se revela na tradição, na palavra e na história, chegando à culminância da revelação em Jesus de Nazaré, considerando a cruz e a ressurreição como parte dessa revelação de Deus em Jesus Cristo. Por fim, analiso o pensamento de Queiruga sobre a revelação de Deus nas diferentes manifestações religiosas. Para o autor, todas as religiões são verdadeiras e constituem, por isso mesmo, caminhos reais de salvação, para os que buscam viver a fé de forma honesta.

Palavras-chave: Deus. Revelação. Experiência. Tradição. História. Jesus Cristo. Religiões.

ABSTRACT

This dissertation about the *Theological places of divine revelation* aims at broadening the knowledge about the places of divine revelation having as fundamentals the ideas of the great modern author, Andrés Torres Queiruga. It initially analyses the revelation as a human experience that has God as subject. According to Queiruga, the revelation should not be considered something supernatural that is far away from humans, because the revelation process is part of the human constitution. God, with great loving generosity, reveals himself to everyone, and it has always been this way. In the light of Queiruga, I investigate how God reveals himself in tradition, word and history, arriving at the revelation as Jesus of Nazareth, considering the cross and the resurrection as part of God's revelation as Jesus Christ. Finally, I analyze the thoughts of Queiruga about God's revelation in different religious manifestations. The author believes that all religions are truthful and, because of that, are actual paths leading to salvation to all who honestly live their faith.

Keywords: God. Revelation. Experience. Tradition. History. Jesus Christ. Religions.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	8
1. EXPERIÊNCIA E REVELAÇÃO DE DEUS	15
1.1 O LUGAR DA REVELAÇÃO	17
1.2 DEUS COMO SUJEITO DA REVELAÇÃO	21
1.3 EXPERIÊNCIA HUMANA DA REVELAÇÃO	27
2. HISTÓRIA E REVELAÇÃO DE DEUS	37
2.1 A REVELAÇÃO NA HISTÓRIA	38
2.2 A “PALAVRA” – LUGAR DA REVELAÇÃO	43
2.3 A TRADIÇÃO COMO “PLENITUDE” DA REVELAÇÃO NA HISTÓRIA	47
2.4 HISTÓRIA DA SALVAÇÃO E HISTÓRIA UNIVERSAL	49
3. JESUS DE NAZARÉ REVELAÇÃO PLENA	54
3.1 JESUS DE NAZARÉ, REVELAÇÃO PLENA	55
3.1.1 A Cruz como sinal revelador	60
3.1.2 A revelação de Deus na Ressurreição de Jesus	63
3.2 UNIVERSALIDADE DA REVELAÇÃO NO ENCONTRO COM AS RELIGIÕES	67
3.3 A REVELAÇÃO COMO REALIZAÇÃO ÚLTIMA DO SER HUMANO EM PLENITUDE ESCATOLÓGICA	75
CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

Neste momento histórico, mais do que nunca se constata a necessidade de experiências profundas que contribuam para a existência de pessoas mais integradas, voltadas para o transcendente e com um sentido para a vida. Nas mais diferentes expressões religiosas, revela-se a busca do ser humano por um encontro consigo mesmo e com Deus, fonte de sentido para a vida.

A modernidade e pós-modernidade, com toda a sua carga de novidades, parecem explicar e traçar o caminho da felicidade. O unilateral progresso, no entanto, provocou grandes desequilíbrios entre os povos, tornando-se superficial, não atendendo ao ser humano enquanto pessoa na sua singularidade. Por sua vez, o excessivo racionalismo não educa para a sensibilidade, para gestos solidários e o compromisso social. Tendências em nossa sociedade, como o individualismo, egocentrismo, materialismo, indiferença, consumismo, exploração e competição, tornam a sociedade fechada sobre si mesma e destituindo-a de sua abertura ao transcendente. A novidade radical do mundo moderno desconcertou o pensamento religioso. A secularização e o ateísmo são os sinais mais evidentes de uma crise que afetou tudo.

No entanto, se o novo desconcerta, também traz consigo possibilidades novas. Por trás das mudanças, há forças que trabalham a história, buscando fundamentos para uma nova e mais adequada forma de sentido no momento atual da humanidade. Busca-se reestruturar a totalidade, numa compreensão mais global. A grande dificuldade que se apresenta nessa nova realidade é a acomodação ou inércia, resistindo à mudança ou defendendo-se com pequenos arranjos que não vão à raiz das questões. Impõe-se, pois, a necessidade de repensar conceitos e o próprio modo de entender nossa relação com Deus. Ou seja, uma inversão radical na vivência e nos conceitos que corresponda a “levar a sério a absoluta primazia do Deus que nos criou e continua nos criando por amor; única e exclusivamente por amor”¹.

¹ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do Cristianismo pré-moderno*, p.16.

Diante desta realidade, torna-se relevante aprofundar como se dá a revelação de Deus na experiência humana, na Tradição, na Palavra, na História e de modo singular em Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição. Quanto mais a pessoa cresce na experiência humana de integração consigo mesma, com sua verdade e com o outro, a partir de Jesus Cristo e seu projeto, quanto mais encontra um sentido para sua vida e é capaz de reconhecer Deus atuando na história humana, mais humana, mais solidária e fraterna esta será, e mais comprometida na luta pela justiça e a defesa da vida. Assim ao longo da história, Deus foi se manifestando contando com pessoas que constituíssem sua revelação no mundo.

A presente dissertação é fruto de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema: *Lugares teológicos da Revelação Divina no pensamento de Andrés Torres Queiruga*. Busca expor sistematicamente o conteúdo, tendo como texto base o livro: *A revelação de Deus na realização humana*, mas também contando com as demais obras do autor, e de alguns confrontos com outros autores que abordam o mesmo tema.

Andrés Torres Queiruga é um dos principais teólogos europeus da atualidade². Tem-se caracterizado pela abordagem renovada das grandes questões teológicas, que estão no coração da fé e da pregação cristã, buscando fidelidade ao ensino das Escrituras e da Tradição. Pensando estas questões, em coerência com as exigências metodológicas e críticas da modernidade, em confronto com o pensamento, a cultura e as tradições religiosas de nossos dias. Seus escritos apresentam com simplicidade e rigor científico a fé cristã, em categorias de nosso tempo. Tanto que se transforma, aos poucos em marco referencial no pensamento teológico atual, e sua leitura se torna imprescindível no contexto latino-americano. Como destaca Afonso M. L. Soares, o teólogo galego Andrés Torres Queiruga é alguém com quem se pode estabelecer um diálogo franco, respeitoso e sem falsas concessões. O próprio autor retoma várias vezes, em seus livros, o propósito de estar

²ANDRÉS TORRES QUEIRUGA nasceu em 1940. É sacerdote e teólogo. Licenciado em Filosofia e Teologia pela Universidade de Comillas, Espanha. Doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha e em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, Itália. Lecionou Teologia Fundamental no Instituto Teológico de Santiago de 1968 a 1987. Atualmente, é professor de Teologia Fundamental no Instituto Teológico Compostelano e de Filosofia da Religião na Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. É membro da Real Academia Galega e Diretor de *Encrucillada: Revista Galega de Pensamento Cristián*; é também membro do Conselho Editorial de *Iglesia Viva*, consultor da *Revista Portuguesa de Filosofia* e membro co-fundador da Sociedade Espanhola de Ciências da Religião. Entre suas muitas publicações incluem-se: *Recuperar la salvación* (1977, 2001); *Creo em Dios Padre* (1998), *Recuperar la creación* (1997); *Fin Del cristianismo pre moderno* (2000); *Repensar la resurrección* (2003); *Esperanza apesar del mal* (2005); *La revelación divina en la realización humana* (Madri 2008; ed. rev. de 1977). Endereço: O. Courralinã 23 G, 15705 Santiago de Compostela, Lã Corunã, Espanha. Notas bibliográficas sobre Andrés Torres Queiruga, Cf. *Concilium* n° 326, 2008/3, p. 148.

em sintonia com as mais justas inquietações e questionamentos da sensibilidade atual. A teologia de Torres Queiruga representa uma tentativa bem sucedida de pensar a inculturação da fé na sociedade moderna e que pode servir de chave de leitura para outras possíveis inculturações³.

O autor no qual desenvolve-se o tema referido trabalha atualmente no contexto leigo, de uma universidade pública, tendo como foco a filosofia da religião. Esse contexto explica o viés de sua contribuição à teologia católica.

No decorrer do trabalho busca-se elucidar os lugares teológicos da revelação de Deus, segundo o autor, a saber: a revelação como experiência humana, a revelação na Escritura, na Tradição, na História, em Jesus, sua morte e ressurreição como a revelação plena; e também a revelação de Deus nas diferentes expressões religiosas, o que foi objeto de suas pesquisas mais recentes. O presente trabalho não segue a linha histórico-genética do pensamento de Queiruga. Está focado num tema específico e em sua exposição sistemática.

Para desenvolver o tema proposto, no primeiro capítulo, é tratada a dimensão da *experiência e revelação de Deus* que se dá no ser humano. Deus, que na liberdade de seu amor irrestrito se entrega sem reservas, e a pessoa que acolhe a revelação como experiência concedida por iniciativa divina. A revelação de Deus ao ser humano permite perceber como o encontro com Deus possibilita à pessoa construir-se em liberdade e alcance o sentido último e sua máxima realização. A “revelação significa o progressivo fazer-se real, o histórico realizar-se do ser humano em sua última e mais profunda dimensão”⁴. Segundo o autor, a primeira experiência a permear todo o projeto cristão é a de estarmos todos, a humanidade inteira, mergulhados no amor desmesurado de um Deus que se nos dá sempre e plenamente. A cultura, como também a tradição religiosa, pode ser uma tentativa autêntica de resposta a quem primeiro nos amou. E seu amor não se exaure nem mesmo se a nossa resposta for negativa⁵.

A revelação de Deus na experiência humana, segundo o autor, não é algo que cai do céu como coisa estranha ao ser humano; ao contrário, o processo revelador faz parte da própria constituição do ser humano. Deus é o sujeito da revelação, vindo ao nosso encontro. Do lado humano, é necessário perceber-se de que alguém está presente, falando, animando, interpelando. Pois Deus não se revela de modo arbitrário e mesquinho, revela-se

³ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 8.

⁴ TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na realização humana*, p. 239.

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 10.

a todos e desde sempre, na generosidade irrestrita de seu amor. Não há “silêncio de Deus” e, sim, incapacidade humana para captar, imediata e claramente a sua voz.

É a partir desta afirmação que se torna fecundo e necessário o diálogo entre as diversas religiões, pois cada uma, a partir de sua tradição, capta a manifestação de Deus na vida. Falar da experiência humana da revelação, nada mais é do que dizer que Deus não se revela, a não ser na e para a humanização de homens e mulheres que buscam dar sentido para suas vidas. Deus se revela para nos tornar mais humanos, mais solidários, mais fraternos.

No segundo capítulo é descrito sobre a *história e revelação de Deus*. Segundo Torres Queiruga, Deus age na história. Desde o início da vida humana Deus se revelou na história de homens e mulheres. A própria religião, os ritos e mitos comprovam isso. O mistério divino se manifesta dentro de nosso mundo. Podemos encontrá-lo na natureza, que, enquanto criação de Deus, nos remete ao Criador e também se manifesta na pessoa e na história que vive de uma esperança que significa algo mais que a própria História.

Para Torres Queiruga, a *Palavra* é também lugar da revelação. A Palavra revelada nos profetas e na História do povo de Israel não aparece como palavra feita, mas como uma experiência viva, como um “dar-se conta” da presença divina. Segundo o autor, na História da humanidade, houve poucas linguagens tão fecundas quanto à linguagem dos profetas bíblicos. Falar em revelação nas Escrituras implica em falar de Tradição. Ambas podem ser concebidas não como grandezas paralelas e sim como mutuamente implicadas. A Escritura como tal está mais envolvida pela Tradição. A Tradição, tomada como ato da Igreja, não pode em absoluto ser concebida sem a Escritura. Segundo o que nos diz a *Dei Verbum*, o que os apóstolos transmitiram compreende o suficiente para que as pessoas possam viver uma vida evangélica e santa. A Igreja tem por isso a missão de conservar e transmitir a todos as razões da fé.

Segundo o autor, Deus se revelou na história da salvação desde o Antigo Testamento até Jesus de Nazaré. Essa revelação, que é oferecida a toda pessoa humana, é por isso universal. Mais do que nunca, hoje, o cristianismo está confrontado com sua missão universal. Jesus de Nazaré se torna o arquétipo real de um sujeito universal para a História, sem títulos nem glórias, senão o de sua profunda humanidade. O verdadeiro “servo de Javé”, conforme o anúncio de Isaias (*Is 52, 53*). Aquele que não tinha onde reclinar a cabeça (*Mt 8,20*), assumindo a condição de escravo (*Fl 2,5*). Nisso está o amor absolutamente universal que marca o dinamismo da revelação.

Ao se falar em revelação na História da Salvação em confronto com a História Universal se toca a essência da experiência cristã, ou seja, aquilo que ela descobre não está separado do que descobrem os demais, pois o mesmo Deus que salva é que está trabalhando com sua graça em toda humanidade. Portanto, o anúncio da experiência cristã deve dar-se de forma simples e humilde, dando-se conta de que as “sementes do Verbo” já estão presentes em cada cultura. O diálogo assim se torna possível, pois consiste em avançar no seio de uma mesma experiência. A universalidade cristã não pode impor na História qualquer particularismo cultural, mas deve estar disposta a encarnar-se em cada cultura. A relação entre História Universal e História da Salvação é tal que a História da Salvação não quer de forma alguma ser a negação da História do mundo e sim sua capacitação e vivência a partir de uma nova e mais profunda relação.

No terceiro capítulo, busca-se descrever, *Jesus de Nazaré como a revelação plena*. O ser humano vai pouco a pouco descobrindo o verdadeiro rosto de Deus e, a partir dele, a verdadeira orientação para vida. Em Jesus Cristo, a pessoa experimenta a possibilidade máxima. Nele o ser humano desvenda a chave fundamental de sua existência, na qual se abre a possibilidade de realizar-se de modo pleno.

A comunhão salvadora e amorosa de Deus com a pessoa que alcança em Cristo sua plenitude, não significa um fim, mas o grande começo, a “nova criação”, o espaço onde a todo ser humano é aberta a possibilidade de avançar para a ‘idade adulta, até a estatura que corresponde à plenitude em Cristo’ (*Ef 4,13*).

A revelação plena está incluída no mistério de Cristo e só a partir dele pode ser entendida. Nele aconteceu de modo insuperável o encontro revelador de Deus com o ser humano. Na História da Salvação, antes de Cristo, tudo foi um caminho para Ele, e, depois dele, um caminhar a partir de sua plenitude. Em Jesus a revelação não é um ditado, mas uma experiência pessoal com toda riqueza do humano em todas as dimensões.

Segundo Torres Queiruga, em Jesus Cristo como plenitude da existência concreta, na acolhida e na entrega, acontece ao máximo a capacidade de infinito. Realiza-se na História aquilo que parecia impossível, Jesus se torna presença pessoal de Deus para o ser humano, sem nenhum tipo de reserva. Jesus revela o mistério absoluto de seu amor e de sua decisão salvadora.

Totalmente entregue à História, Jesus recolhe em si, elevando-o ao pleno cumprimento todo processo revelador anterior. E mais do que isso, a partir dele, toda a humanidade encontra acesso a essa plenitude, podendo participar da realização definitiva.

Para o autor, Deus revela-se na História de cada pessoa que se abre ao divino, como também, ao longo da História da Salvação, foi se revelando de diferentes formas assumindo a plenitude em Jesus de Nazaré. A plenitude da revelação como abertura histórica nos apresenta a revelação como algo sempre atual e aberto ao futuro. Jesus Cristo plenitude da palavra definitiva de Deus fecha em si toda a revelação da História da Salvação; ao mesmo tempo abre-se como palavra reveladora toda a História da Salvação passada, presente e futura. “A historicidade do homem não fica, pois, anulada. Ao contrário, fica estabelecida em seu âmbito definitivo e carregada com as possibilidades de uma promessa infinita”⁶.

Uma das formas da revelação de Deus a nós foi através da cruz e ressurreição de Jesus, tema desenvolvido no terceiro capítulo. Deus nunca esteve tão perto de Jesus como na cruz. Ele não quis a morte do Filho, assim como não quer o mal no mundo. O sofrimento é algo sobre o qual Deus se compadece. Para Jesus, a cruz foi manifestação do amor levado às últimas consequências. Foi fiel à missão, deu-se sem reserva, sem guardar nada pra si, nem a própria vida.

Jesus morre na cruz, condenado pela religião e pela política, como tantos profetas de ontem e de hoje, e, de certo modo, como todos aqueles que lutam em favor da vida para todos. Sua perseverança até o fim é o selo de seu amor. Torna-se para nós modelo no assumir na esperança o próprio fracasso e na entrega ao amor apesar de toda incompreensão. Diante desta realidade é que podemos entender a cruz como sinal revelado, ou seja, como expressão do amor absoluto e da entrega da vida do próprio Filho de Deus.

Como o conceito de revelação, entende Queiruga, a revelação na ressurreição de Jesus não pode ser compreendida como algo milagroso, alheio à realidade humana, sem conexão com a experiência. Deve-se perceber a revelação de Deus na realidade bem humana de Jesus, como também no contexto em que viveram Ele e seus discípulos. A ressurreição de Jesus situa-se, portanto, numa situação nova, que supõe uma experiência nova, não milagrosa, mas real. Experiência vista aqui como resultado integrador de diferentes “experiências”, como resultado de toda sua vida. Ao se falar em ressurreição, é preciso referir-se a uma experiência global desse tipo.

Neste mesmo capítulo busco também descrever o pensamento do autor sobre a universalidade da revelação que se concretiza nas diferentes expressões religiosas, ou seja, no encontro com as religiões. O Deus que cria por amor, vive debruçado com generosidade

⁶ TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na realização humana*, p. 255.

irrestrita sobre todas e cada uma de suas criaturas. Portanto, todas as religiões são verdadeiras e constituem, por isso mesmo, caminhos reais de salvação para os que buscam praticar delas honestamente.

Deus revela-se nas diferentes formas de acolher a fé, pois não existe religião sem alguma verdade, como também nenhuma absolutamente perfeita. Deus se dá totalmente em todas, mas a acolhida por parte da pessoa é que difere em cada uma.

A revelação de Deus é o núcleo central de toda experiência religiosa, como também o lugar do encontro e do diálogo entre as diversas religiões e a cultura secular. O autor chega a afirmar que Deus não cria homens e mulheres “religiosos”, cria simplesmente homens e mulheres humanos. Porque, em se tratando de religião como um pensar Deus e servir a Deus, convém lembrar que o *Abbá* de Jesus não procura buscar a si mesmo, nem busca ser servido. Jesus Cristo em sua prática pensa em nós e busca exclusivamente nosso bem.

Para o autor, as consequências desta compreensão são importantes para uma visão que nasce de um modo aberto e positivo de situar-se no mundo. As práticas que contribuem para o crescimento e amadurecimento da vida humana colocam-se no dinamismo do Criador. Com esta nova imagem de Deus, somos conseqüentemente conduzidos a uma nova imagem do cristianismo. Uma imagem que leva a uma nova relação com as outras religiões e com a própria sociedade, buscando valorizar e respeitar o Deus que se revela nas diferentes formas de expressão da fé e nas diferentes realidades humanas e sociais.

Por fim, na conclusão, destaca-se a importância de poder aprofundar um tema como este com os elementos relevantes que o autor apresenta, e ao mesmo tempo, os desafios que permanecem, sem a pretensão de esgotar a reflexão.

1. EXPERIÊNCIA E REVELAÇÃO DE DEUS

Ao iniciarmos a reflexão sobre este tema, faz-se necessário esclarecer o sentido dos termos experiência e revelação. Segundo o dicionário Aurélio, a experiência consiste no ato ou efeito de experimentar, é a prática da vida, ou seja, uma pessoa vivida, cheia de experiência. É a habilidade prática adquirida através do exercício constante de uma profissão, de uma arte⁷.

Segundo Torres Queiruga, o conceito de revelação que chegou até nós e que prevaleceu no imaginário coletivo, se apresenta como uma lista de verdades “caídas do céu”, através do milagre da “inspiração”, operado na mente de algum profeta ou hagiógrafo. Verdades, na sua origem, inacessíveis à razão humana e que nós devemos crer, pois são inspiradas. Deus nos disse tais verdades, sem que tenhamos possibilidade de comprová-las. Torna-se, assim, uma revelação imposta de fora sem responder a nossas necessidades e perguntas. Faz-se necessário, portanto, reafirmar o que nos diz a fé bíblica, a revelação de um Deus que na liberdade de seu amor irrestrito e sempre em ação, se entrega sem reservas e sem medida.

Para Torres Queiruga, a Palavra revelada ajuda a dar luz, a ver com os próprios olhos a realidade enquanto habitada por Deus. Por isso, todo crente deve e pode chegar a dizer por si mesmo, o que o povo disse à samaritana: “Já não cremos por causa daquilo que você disse. Agora, nós mesmos ouvimos e sabemos que este é, de fato, o Salvador do mundo” (*Jo* 4,42), ou seja, a revelação passa a ser uma experiência pessoal. Um encontro pessoal com Jesus Cristo, revelação plena de Deus. Experiência que perpassa todo o ser humano e que faz olhar para si, para o outro e a realidade a partir de Deus e de seu projeto de amor⁸.

A pessoa vive e acolhe a revelação como experiência dada por Deus, ou seja, como iniciativa divina, revelação, palavra, mandato. Temos como exemplo Moisés e, mais tarde, os outros profetas. A autenticidade da vivência da revelação de Deus na vida dessas

⁷ Cf. ‘Experiência’. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 862.

⁸ TORRES QUEIRUGA, A. Anotações da palestra: *A teologia desde a modernidade*, proferida em São Leopoldo, na Unisinos, em 27.05.2004.

peças é tão manifesta que seria superficial pensar numa simulação. Naquele que é receptivo à iniciativa de Deus inicia-se um processo de apropriação, pois o chamado se dirige bem concretamente à pessoa em sua realidade.

Segundo o pensamento de Queiruga há na revelação uma verdadeira apropriação. A comunidade não se sente convocada a algo alheio. Ela experimenta sua presença e vive a partir disso uma transformação; assim, o “Deus de nossos pais” e o “Deus de Moisés” passou a ser o nosso Deus, da mesma forma que, mais tarde, o Pai de Jesus passa a ser o “nosso Pai”. Esta constatação é muito importante, por mostrar que na apropriação comunitária da revelação dá-se uma dialética muito peculiar de exterioridade e interioridade... apóia-se na palavra do mediador, mas dentro de uma dinâmica que leva à experiência e “intuição” direta⁹.

Segundo o autor, dentro dessa realidade, detendo-nos agora à questão do testemunho, vemos que este torna-se como que um contraponto à experiência, “como um conhecimento que não alcança a coisa mesma, mas que depende do enunciado de outra realidade, sem entrar em contato direto com a experiência e sem que caiba a possibilidade de se independizar dos enunciados comunicados”¹⁰. Na revelação de Deus, ao contrário, tudo se apóia na novidade de uma origem histórica. O ser humano não se manifesta por si mesmo, senão pela livre iniciativa da ação de Deus. Não se trata de um desdobrar-se imanente de sua essência e sim de uma determinação realizada por Deus na História. Lessing, que se serve da categoria da educação para falar da revelação, assim se expressa: O que é a educação para o indivíduo, isso é a revelação para o gênero humano. A educação não dá ao homem nada que este não pudesse alcançar por si mesmo; dá-lhe o que poderia alcançar por si, só que assim o obtém mais fácil e rapidamente. Igualmente a revelação não dá ao gênero humano nada que a inteligência humana não poderia eventualmente alcançar por si mesma¹¹.

⁹ Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 108.

¹⁰ Ibidem, p.109-110.

¹¹ Cf. Ibidem, p.127-128.

1.1 O LUGAR DA REVELAÇÃO

Para Queiruga, a transcendência e imanência da revelação, têm o papel irrenunciável de manter erguida e irreduzível, diante da crítica, a transcendência da revelação, sempre exposta a perder-se em meio ao interesse de cada época. Se a palavra reveladora, assim como se encontra na Bíblia aparece como unidade inseparável da palavra humana e da palavra divina, sua interpretação estará sempre aberta à dupla possibilidade de atender mais ao lado humano, arriscando-se a descuidar do divino, ou atender mais ao lado divino, arriscando-se a descuidar do humano¹².

Para a Igreja Católica, a reação contra a tendência a ressaltar unilateralmente o caráter transcendente da revelação, destacam-se dois meios pelos quais se assegurou um conceito de revelação mais adequado e justo. O primeiro foram os estudos bíblicos, que, apesar das dificuldades, foram impondo um novo modo de considerar a Revelação. O segundo foi o contato com a teologia protestante, que, à parte, o fato de operar nesta mesma direção, proporcionava sugestões e abria novas perspectivas. A teologia elaborada nesse ambiente e acolhida afinal na constituição *Dei Verbum*, do Vaticano II, renovou a fundo o tratamento da questão: a situação atual teve aí sua condição de possibilidade¹³.

Segundo Torres Queiruga, a revelação, ao ser algo que acontece entre Deus e o homem na história, implica necessariamente três dimensões fundamentais: *divina*, *subjéctiva* e *histórica*.

Dimensão Divina – Queiruga faz menção a Karl Barth,¹⁴ dizendo que o pensamento tradicional tem aqui seu espaço à medida que continua tendo seus representantes. Ou seja, a revelação como palavra autorizada de Deus apenas atendia às condições subjéctivas do homem a quem era dirigida. O maior defensor desta tendência é Karl Barth. Para ele, a revelação não é mais que manifestação na história humana da mesma história primogênita divina. A eleição ou predestinação do Filho pelo Pai, eternamente realizada e manifestada pelo Espírito, reflete-se no tempo através da eleição do homem em Jesus Cristo. Por isso,

¹² Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 80.

¹³ Cf. *Ibidem*, p. 86-87.

¹⁴ KARL BARTH teólogo cristão protestante, pastor da Igreja Reformada. Um dos líderes da Teologia dialética. Nasceu em Basileia e foi criado em Berna (Suíça). Suas principais obras: *A carta aos Romanos* (1922) e *Dogmática Eclesiástica* (1932-1968).

Deus é o sujeito absoluto; o homem, a rigor, nem sequer pode perguntar, e a própria recepção da revelação é realizada pelo Espírito Santo. A revelação consiste assim na Palavra de Deus no sentido mais rigoroso e exclusivo da expressão¹⁵.

Dentro do catolicismo, paralelo a Barth, temos o famoso “natural” “sobrenatural” representado por Hans Urs Von Baltasar¹⁶. Também para ele a revelação consiste, antes de tudo, na manifestação dentro de nossa história do amor intratrinitário de Deus. Manifestação que acontece em Cristo, sobretudo na obediência e amor totais da cruz e que, diferentemente da concepção barthiana, inclui toda a criação e toda a história, desvelando seu sentido¹⁷. Balthasar deixa a desejar quando manifesta pouca atenção às mediações humanas da revelação. “A figura da revelação é contemplada diretamente em si mesma, sem se preocupar em mostrar os múltiplos condicionamentos humanos de sua gênese e de sua formulação”¹⁸.

Dimensão Subjetiva – Segundo Torres Queiruga, a dimensão subjetiva foi em muitos aspectos o motor da renovação. Seu movimento é amplo e difícil de ser classificado. Indicar-se-ão apenas algumas dimensões da subjetividade. Andrés Torres Queiruga, ao se referir ao pensamento de Rudolf Bultmann,¹⁹ ressalta que, apesar de sua tendência à teologia dialética, a preocupação exegética e o contato com a filosofia existencial de Heidegger o levam a concentrar sua preocupação sobre o sujeito, acentuando a subjetividade existencial, entre as dimensões da revelação. “Em última análise, a revelação consiste numa Palavra de Deus que não revela ‘nada’ fora do ser autêntico do homem. E este, reconhecendo-se pecador, não se absolutiza a si mesmo e abre-se à graça da justificação: que foi, afinal, revelado? Absolutamente nada, se a questão da revelação

¹⁵ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 88.

¹⁶ HANS URS VON BALTHASAR, sua reflexão teológica e cultural visa sobretudo confirmar sua intuição fundamental: demonstrar a realidade de Cristo como a coisa mais importante, pois é precisamente a Palavra humana de Deus para o mundo. Intuição que se explicita especificamente em dois ensaios: *Derrubar os bastiões* (1952) *Só o amor é crível* (1963). Cf. GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*, p. 237ss.

¹⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 89.

¹⁸ *Ibidem*, p. 89.

¹⁹ A obra mais significativa do teólogo Rudolf Bultmann, são os quatro volumes que reúnem seus mais importantes ensaios de teologia sistemática e traz o significativo título *Crer e Compreender* (1933-1965). A Teologia de Bultmann é efeito de uma coerente aplicação da interpretação existencial dos enunciados centrais do Novo Testamento: Teologia como interpretação existencial. A Teologia Existencial é uma modalidade de teologia da Palavra. A revelação acontece como tal, como Palavra de Deus. Bultmann admitia, no fundo apenas um sacramento, o da Palavra. Alguma, entre muitas obras do autor, destaca-se aqui: *Gesú* (1926), *Il Cristianesimo primitivo nel quadro delle religioni antiche* (1949), *Prediche di Marburg* (1956), *Storia ed escatologia* (1957). Cf. GIBELLINI R. *Op. Cit.*, p. 37.

pergunta por doutrinas (...). Porém tudo, enquanto o homem tem seus olhos abertos sobre si mesmo e pode se entender de novo a si mesmo”²⁰.

Paul Tillich,²¹ que também partilha da preocupação existencial, amplia e enriquece ainda mais esta perspectiva. Acentua a subjetividade profunda e cultural da revelação. “O ‘profundo’, o ‘abismo’, o ‘fundo do ser’, são símbolos do divino. Quando este consegue manifestar-se, emergindo a consciência, nasce a revelação, que é manifestação do fundo do ser para o conhecimento humano”²². Desta forma na revelação estão integrados todos os estratos da subjetividade desde sua raiz mais profunda, como também a síntese do racional e do emocional. O inteiro ser do homem entra assim em jogo na revelação, tanto o individual como o coletivo. Para Tillich a revelação é a manifestação da profundidade do ser.

Torres Queiruga descreve que algo semelhante podemos constatar em Karl Rahner,²³ sendo que o mais original de sua contribuição consiste em acentuar a subjetividade transcendental da revelação. Para ele, a partir da profunda reconfiguração ontológica que supõe o “existencial-sobrenatural”, todo homem e o homem todo está impregnado pela presença da revelação. É constitutiva do homem a vocação a ser “ouvinte da Palavra”, o próprio movimento de sua existência já é vocação transcendental²⁴.

Dimensão Histórica – Torres Queiruga, falando sobre a dimensão histórica, ressalta a primazia do espaço aberto pela comunicação entre Deus e o homem como lugar em que se realiza a revelação. Lugar do qual diversas teorias ressaltam distintas dimensões. Numa primeira teoria cabe assinalar a concepção personalista. Martin Buber²⁵ abriu caminho ao assinalar a realidade unificante do “entre”, isto é, do espaço vital entre o eu e o tu, que é o que os constitui num “nós” dialogante. A revelação deixa de ser um processo meramente

²⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 90.

²¹ PAUL TILLICH nasceu na Prússia, na aldeia de Starzaddel, nas proximidades de Guben, em 1886. Sua principal obra: *Teologia Sistemática* (1951-1963).

²² TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 91.

²³ KARL RAHNER (1904-1984), nasceu em 5 de março de 1904 em Friburgo (Alemanha). Sua principal obra: *Curso Fundamental da Fé*. Outras obras: *Missão e Graça* (1959); *Ouvintes da Palavra* (Barcelona 1968). Cf. Gibellini, R. Op. Cit, p. 223.

²⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 92.

²⁵ MARTIN BUBER filósofo, escritor e pedagogo. Judeu de origem austríaca. Em suas publicações filosóficas, enfatizou que não há existência sem comunicação e diálogo. As palavras-princípio, eu-tu (relação), eu-isso (experiência), demonstram as duas dimensões da filosofia do diálogo, que segundo Buber, abarcam a existência. Algumas obras: *Histórias de Rabi*; *O socialismo utópico*; *Eu e Tu*.

objetivo para fazer-se comunicação viva e pessoal, encontro entre Deus que chama e salva, e o homem que escuta e aceita²⁶.

Para o autor, diante do intimismo da teologia existencial de Rodolf Bultmann, o mérito foi de Oscar Culmann²⁷ que deu ênfase definitiva à História da Salvação. Remeteu-se à objetividade da história:

Aos fatos salvadores em que a revelação de Deus se mostrava como ação no espaço aberto pela dialética promessa-cumprimento. Sobretudo para teologia católica, sempre ameaçada pelo abstracionismo escolástico, significou enriquecimento e concreção. Sua influência na Constituição sobre a Revelação Divina (*Dei Verbum*) do Vaticano II e a orientação global da obra coletiva *Mysterium Salutis* são disso uma boa prova.²⁸

Na teologia evangélica, Gerhard Ebeling²⁹ chama a atenção para o déficit de experiência na teologia e destaca o papel da “Experiência”. Na teologia católica é essa a ocupação mais intensa de Edward Schillebeeckx.³⁰ “A revelação, nos diz ele, por sua própria natureza tem a ver com a experiência humana. A revelação é uma experiência expressa com palavras; é a ação salvífica de Deus enquanto experimentada e expressa pelo homem”³¹.

Segundo Torres Queiruga, não se podem negar as imensas dificuldades em relação ao tema da revelação, mas também não se pode negar que nele aparece envolvidos, o homem bíblico, do mesmo modo que, em geral, o homem religioso, que experimenta sempre a revelação primordial e originariamente como algo próprio, que lhe permite

²⁶ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 92-93.

²⁷ OSCAR CULMANN, teólogo evangélico. Uma de suas principais obras são o livro *Cristo e o Tempo* (Barcelona 1946). Cf. Gibellini, R. Op.Cit, p. 256.

²⁸ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 93.

²⁹ GERHARD EBELING nasceu em 1912; foi discípulo de Bultmann em Marburg. É autor do denso artigo sobre *Hermenêutica*. Para ele, a hermenêutica é a doutrina do compreender, mas, enquanto tal, configura-se como doutrina da Palavra, uma vez que o compreender se articula em linguagem e palavras. Cf. Gibellini, R. Op. Cit, p. 71.

³⁰ EDWARD SCHILLEBEECKX nasceu em 12 de novembro de 1914, em Antuérpia, Bélgica. Doutorou-se em 1951 e, Le Saulchoir, com o tema: *A economia sacramental da salvação*. Que deu origem a seu primeiro livro de *Sacramentele Heilseconomie* (A economia sacramental da salvação). Nesta obra apresentou os sacramentos como sinais. Em 1956, foi nomeado professor do Instituto Superior de Ciências Religiosas em Lovaina e, a partir de 1957, professor ordinário de Dogmática e de História da Teologia na Universidade Católica de Nimega. Cf. HACKMANN, G. L. Borges. *Servir a Cristo na Comunidade*, p. 9-10.

³¹ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 94.

compreender e realizar a si mesmo, desde seu ser mais profundo. Os questionamentos, por mais corretos e justificados que sejam, aparecem sempre depois e é justamente isso: questionamentos dos aspectos obscuros deste dado fundamental. Gerhard Von Rad, considerando isso a partir da Bíblia, diz : Israel descobriu Deus na História e, ao fazê-lo, foi-se descobrindo a si mesmo³². A insistência na identidade humana da revelação, no entanto, não dá conta de toda experiência religiosa. Na revelação o homem se sente certamente levado ao mais profundo de si mesmo. Porém, com igual direito, pode-se afirmar que se sente também levado para além de si mesmo, elevado acima de suas potencialidades³³.

1.2 DEUS COMO SUJEITO DA REVELAÇÃO

Segundo Andrés Torres Queiruga, a revelação de Deus não é algo que extraordinariamente tenha caído do céu, sobre alguns “profetas” ou “escritores” e que nós simplesmente precisamos acolher, aceitar. Ao contrário: a revelação é algo que nasce de dentro: um dar-se conta do que Deus está procurando dar-nos a conhecer através da realidade. Da realidade em seu modo de ser criatura, com os fortes impulsos que procuram orientar o mundo e a história para sua humanização, e com os impulsos que dentro de nós procuram levar-nos ao bem, à fraternidade e à plenitude na comunhão com Ele. Deus está se manifestando a nós continuamente através de tudo, tratando de abrir um pouco mais nossa capacidade, de vencer nossas cegueiras, de superar nossas resistências³⁴.

O autor afirma com segurança e decisão de que o limite da revelação não é imposto por Deus, e sim pela impossibilidade da criatura. O divino é sempre experimentado como “transcendência ativa”, que sai por própria iniciativa ao encontro do homem. Um modo de ser de Deus que não pode ser chamado de pura revelação. Fica evidente que há outro modo que é o que o uso teológico vivenciou como relação. “Enquanto o homem experimenta em si mesmo, na natureza ou na história a Deus chegando a ele, como se manifestando a ele, está tendo a experiência radical da revelação”³⁵. Deus ao longo da História vai se

³² Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 103-104.

³³ Cf. *Ibidem*, p. 105.

³⁴ Cf. *Idem*, *O que queremos dizer quando dizemos inferno?* p. 18.

³⁵ *Idem*, *A revelação de Deus na realização humana*, p. 149.

revelando, e nós o percebemos a partir do momento em que, como humanos, sabemos contemplar e perceber através de nossa sensibilidade a ação reveladora de Deus. Deus está realmente presente em todas as pessoas, e se revela a elas, apesar de todas as deformações. Revela-se, sobretudo, nas experiências mediadoras das tradições religiosas. Existe um *continuum* salvífico e revelador na experiência religiosa da humanidade³⁶. Segundo o autor, a revelação de Deus se deu ao longo da História de forma real e concreta a um povo, o povo de Israel.

Deus está realmente presente em todos os homens; estes, em sua experiência religiosa, captam essa presença como revelação ativa e salvadora: entre eles há um povo, o de Israel, que vive e expressa de modo específico, por sua intensidade e por sua pureza essa revelação iniciando assim a história santa que aparece recolhida na Bíblia.³⁷

A revelação de Deus nós a podemos perceber a partir da experiência que o ser humano vai realizando no decorrer de sua vida. Na medida em que vai permitindo e acolhendo a revelação em si mesmo. A união com Deus não é algo que vem de fora, mas é algo que parte de dentro e vai se constituindo, moldando o ser humano. Para Torres Queiruga, a revelação não tem de “entrar” na vida do homem, visto que é a presença viva daquele mesmo que está suscitando seu ser, suscitando sua liberdade e empurrando sua história. Deus não necessita “chegar” ao homem porque está sempre com Ele. Por isso, para o homem, a revelação efetiva é sempre uma experiência realizada, algo com o qual se encontra no mesmo ato de tomar consciência dela. É aperceber-se de que alguém está já presente, falando, perdoando, animando, interpelando³⁸.

Em todo processo revelador, segundo o autor, Deus é que vai tomando a iniciativa, Ele se coloca como alguém que vem ao encontro do ser humano e quer revelar-se da mesma forma a todos, independente de raça, cultura ou condição social. Não é um Deus que se oculta porque quer, que vai se mostrando com maior ou menor evidência para esta ou aquela pessoa, que se manifesta a muitos ou a poucos, que deixa para mais adiante o que poderia ter revelado agora. Mas é um Deus que se apressa em tomar a

³⁶ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 151.

³⁷ Ibidem, p. 151.

³⁸ Cf. Ibidem, p.154-155.

iniciativa, cujo amor é urgente, que quer revelar-se o mais rápido possível, a um maior número possível de pessoas, que desejaria abrir os olhos e o coração do ser humano ao dom desde sempre disponível.

Para o autor, lá onde o ser humano se apresenta aberto, Deus aparece como luz fazendo emergir e sentir sua presença. Quando aparece uma ocasião, em que o ser humano cede à experiência de amor, Deus concentra ali todo o seu amor à pessoa e prossegue apoiando-a com todos os meios de sua graça. Quando nos referimos à liberdade divina e o sentido da “eleição”, o que se percebe é que o próprio fato da revelação é pura e incondicionada liberdade, pois, se Deus não quisesse revelar-se de nenhuma forma o ser humano poderia alcançar sua intimidade³⁹.

Portanto, a eleição não é “prévia” a isso, mas deve ser interpretada justamente a partir disso. “A eleição não como um ‘favoritismo’ por estar radicalmente destinada a todos; porém como um meio de ‘acidente’, pois Deus está total e pessoalmente em sua relação concreta com cada homem”⁴⁰. Deus foi se revelando ao longo da História da Salvação no Antigo Testamento e nas diferentes religiões, mas em Jesus Cristo, graças à sua humanidade totalmente aberta ao seu amor e ao seu convite, Deus finalmente pôde mostrar seu rosto mais verdadeiro e definitivo⁴¹.

Segundo Torres Queiruga, a revelação de Deus é real e verdadeira não apenas porque tenha de entrar no mundo irrompendo seus mecanismos e fazendo-se sentir de forma milagrosa. É real, pelo fato de estar doando-se desde sempre num gesto expressivo de sua presença criadora e salvadora. O próprio fato da criação já é sua revelação fundamental; e a própria criação, em seu modo de ser, em seus dinamismos e em suas metas e aspirações, vão desvelando no tempo e na história tanto o projeto de Deus sobre ela como o que, em cada momento, está procurando realizar. Enfim, a revelação consiste em “aperceber-se” do Deus que, como origem fundante e amor comunicativo, está “já dentro”, habitando a criação e manifestando-se nela⁴².

O processo revelador, conforme o autor, pode, por vezes, tornar-se difícil ou lento, mas com certeza, não é por parte de Deus senão do ser humano, de sua pequenez ou de sua prepotência. Da parte de Deus, se ele não quisesse manifestar-se, nada saberíamos dele. Como também, nenhum conhecimento concreto e real de Deus vem a ser possível pela

³⁹ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 289.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 289.

⁴¹ Cf. *Idem*. O Mistério de Jesus o Cristo: divindade “na” humanidade. *Concilium*, n° 326, 2008, p. 38.

⁴² Cf. *Idem*. *Repensar a ressurreição*, p.104.

simples iniciativa humana. O ser humano pode dar-se como resposta à sua iniciativa. “Só Deus pode ser conhecido por Deus, diz uma frase clássica. E vale notar que, se bem considerada, essa é, nada mais e nada menos, que a definição da revelação”⁴³.

Segundo Torres Queiruga, Deus vai se revelando ao ser humano num movimento constante de surpresa e descoberta, na presença como também na ausência, no encontro e na procura constante daquele que sacia a fome de vida, paz, justiça e amor. De alguma maneira o homem está sempre “vendo” a Deus, co-afirmando sua presença. Na vida ordinária, ele tão somente necessita que algo o desperte, que sacuda sua atenção⁴⁴.

Por vezes, as situações da vida sacodem a consciência da pessoa, rompendo sua rotina e abrindo-a ao chamado divino, ou seja: “Uma situação que com sua estranheza, mesmo sendo natural, rompe a superfície do ordinário e faz com que ‘se quebre o gelo’, que ‘amanheça a luz’, que ‘caia a ficha’, isto é, que numa experiência de ‘desvelamento’ se abra a dimensão religiosa da realidade”⁴⁵.

O autor, descrevendo sobre Deus como sujeito da revelação, nos diz que, porque Deus nos ama, o mundo torna-se habitável e visível. Ele nos ama de maneira única, nos criou por amor e no amor permanece como um Pai-Mãe, voltado sobre nossa História, a fim de nos ajudar e salvar-nos. Se ele cria por amor, quer dar-se a todos e dar-se totalmente⁴⁶. Sua presença é total, abrangendo toda realidade, dando com isso um colorido existencial. O tema da revelação ficaria a desejar se não falássemos da questão da linguagem religiosa: “Nela se revela necessariamente à índole da experiência reveladora que a sustenta, e por sua vez constitui o ponto de sua decisiva iluminação”⁴⁷.

Aqui se reflete também o desvelamento do mistério na abertura do ordinário, ou seja: a revelação não cria uma linguagem própria e exclusiva, que seria, bem por isso, ininteligível e inútil, mas transforma a linguagem ordinária, de maneira que através dela apareça o mistério. Trata-se de uma transformação da linguagem mediante a própria linguagem, com ajuda de estratégias adequadas, que tornam patente sua radical e infinita abertura⁴⁸. “Há, pois, um poder revelador na linguagem religiosa, que ‘rompe’ cada um dos nossos intentos de fazer de nossa experiência um sistema fechado”⁴⁹. A presença de Deus

⁴³ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a ressurreição*, p. 105.

⁴⁴ Cf. Idem. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 179.

⁴⁵ Ibidem, p.180.

⁴⁶ Cf. Idem. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 31-32.

⁴⁷ Idem. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 183.

⁴⁸ Cf. Ibidem, p.184.

⁴⁹ Ibidem, p. 187.

na realidade total, se coloca como uma presença reveladora e capaz de expressar-se em atos concretos, não como algo do tipo intencionalista, mas como presença real.

Até aqui insistimos no movimento que vai de nós até Deus e no caráter do Deus sempre aí, como uma presença a ser descoberta, agora iremos destacar que,

a revelação é, antes de tudo, um movimento de Deus até nós e que tem caráter dinâmico: o ‘sempre aí’ indica tão somente que a presença sustentadora e a união radicam Deus-homem como raiz que alimenta e possibilita seu chegar sempre novo, vivo e histórico.⁵⁰

A revelação de Deus acontece lá onde a pessoa, por sua fidelidade ou situação pessoal que vive, se “apercebe”. “Não foi Deus, que já estava ali falando no gesto vivo e sempre atual de cada situação concreta, quem mudou; quem mudou foi o ser humano, que, por fim, descobre o que lhe estava sendo dito: ‘o Senhor estava neste lugar, e eu não sabia’ (Gn 28,16), e ao descobri-lo transforma a sua vida”⁵¹.

Em Moisés podemos constatar como a revelação de Deus não é algo “espetacular”. Ele vai se revelando à medida que nós humanos lhe permitimos e somos sensíveis à sua presença. Para Moisés, a revelação se produziu quando ele se “apercebeu” de que, na rebeldia que sentia contra a opressão injusta do faraó estava se manifestando a “voz” de *Iahweh*. No próprio sentimento, enquanto expressão do ato criador e salvador de Deus, soube ler que este está sempre nos dizendo que se compadece de toda a opressão e de todo o sofrimento⁵².

Segundo Torres Queiruga, percebe-se aqui claramente que Deus não mudou em “si mesmo” no sentido de que, a partir da constatação de Moisés diante das injustiças, Deus tivesse se tornado mais compassivo e misericordioso, mas mudou para Moisés e, a partir de Moisés, também para nós hoje.

A realidade que nos cerca, o espaço, é o corpo onde Deus se expressa, ou podemos até dizer que é o rosto onde as pessoas podem ver e sentir a manifestação da presença divina. “A inteira realidade é um gesto ativo e voluntário de Deus, que através dela se

⁵⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 189.

⁵¹ Idem. *Repensar a ressurreição*, p. 106.

⁵² Cf Ibidem, p.106.

manifesta e se revela ao homem”⁵³. Olhando para a realidade e sua evolução, os processos históricos e o crescimento da pessoa humana vemos aí, a manifestação de Deus.

Quando o homem consegue descobrir em tudo isso a ação criadora de Deus, que o sustenta para que se realize; quando percebe aí a liberdade divina, que amorosamente vai empurrando-o para autenticidade; quando escuta aí a palavra de amor que chama, então está acontecendo a revelação⁵⁴.

Para Torres Queiruga, podemos dizer que este é o segredo de muitos místicos que conseguem captar em tudo a presença de Deus, sua ação criadora e salvadora. É como despertar do sono da aparência ordinária para realidade e poder constatar em tudo a presença do Criador. Para estes místicos “o mundo se converte num espelho fluído e transparente em que o homem, contemplando seu rosto, descobre o rosto do bem amado, seu rosto verdadeiro”⁵⁵. Lembra-nos isso também o apóstolo Paulo quando fala aos judeus convertidos: “Deus que fez o homem para que este o encontre, Deus, a quem tentamos apreender através do andar às apalpadelas de nossas vidas, este Deus se encontra tão estendido e é tão palpável como uma atmosfera que nos banhasse. Por toda a parte nos envolve, como ao próprio mundo”⁵⁶.

A invisibilidade de Deus no mundo não significa um problema, mas ao contrário a figura concreta da revelação. Deus é conhecido quando vem ao mundo e se revela, mas não pode ser visto a partir das condições deste mundo. “Pois o modo divino de Deus aparecer supera as possibilidades deste mundo que, como tal, dissocia no espaço, no tempo e dentro do tempo, nos diversos modos temporais”⁵⁷.

Na experiência da revelação, quando autêntica, a pessoa humana é capaz de compreender que toda iniciativa em se revelar vem de Deus. E que somente, ao vir Deus ao seu encontro, cabe ao ser humano reconhecê-lo. “Por isso o homem verdadeiramente religioso proclamou sempre que é Deus quem fala, ama, perdoa... e que o homem unicamente responde na fé, na oração, no louvor, na adoração”⁵⁸. Para Torres Queiruga,

⁵³ TORRES QUEIRUGA, A. *revelação de Deus na realização humana*, p.189.

⁵⁴ Ibidem, p.189.

⁵⁵ Ibidem, p.190.

⁵⁶ Ibidem, p.190.

⁵⁷ Ibidem, p. 191.

⁵⁸ Ibidem, p. 193.

aqui, encontra-se também uma das dificuldades da pessoa em querer objetivar, coisificar Deus, querendo apoderar-se dele, ou rebaixando-o à condição de um objeto passivo da atividade humana.

Segundo o autor, a revelação não consiste em algo estático mas traz em si uma dinamicidade, num constante dar-se a conhecer dinâmico. “A pessoa só é conhecida enquanto se dá a conhecer, só está presente enquanto se faz presente”⁵⁹. Toda a relação de amizade abre à pessoa um mundo cheio de surpresas, de realizações. A partir desta chave de leitura podemos ler toda a revelação Bíblica. “No encontro com Deus, que está desde sempre chamando o homem, vão aparecendo novas dimensões e abrindo-se profundezas de nenhuma maneira suspeitadas nem dedutíveis desde os primeiros estádios”⁶⁰.

Deus não é alguém estagnado, parado, pelo contrário, é sempre ato. Não é um profeta que aparece e se retira, que se cansa e se anima novamente. Como “ato puro”, é alguém que está sempre em ação. “Meu Pai continua trabalhando e eu também trabalho” (*Jo 5,17*). Presente a toda a criação e atento a cada um em particular, movendo os corações com seu espírito, em todo tempo e circunstância (cf. *Rm 8,22-30*). De uma maneira que ultrapassam todos os limites de nossa compreensão, revela-se sempre ao homem, “pressionando” a consciência humana para que cada pessoa em cada circunstância o possa descobrir. E quando a descoberta se produz, é sempre descoberta do Deus que estava aí, mas chega e se revela porque quer⁶¹. Para Queiruga, a revelação se dá como um ato livre e concreto do amor de Deus. Ele determina seu próprio ser. Isso não significa submissão ao homem, nem mesmo uma distância indiferente, mas é uma liberdade que se dá no amor. É pura adesão e entrega gratuita por parte de Deus. Toda a presença divina ao homem, em qualquer tempo, modo ou lugar, é sempre ato concreto e decisão livre de Deus.

1.3 EXPERIÊNCIA HUMANA DA REVELAÇÃO

Quando falamos de experiência, partimos da definição de que é o ato ou efeito de experimentar, ou a prática que vamos adquirindo em nossa vida. É a prática adquirida com o exercício constante de algo. Dizemos: aquela pessoa é cheia de experiência, ou seja,

⁵⁹ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 195.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 196.

⁶¹ Cf. *Ibidem*, p.197.

adquiriu com exercício constante de uma profissão uma prática capaz de responder por determinado trabalho. Segundo Andrés Torres Queiruga, ao se falar de “experiência”, “tratamos de evocar seu caráter de vivência presente, de presença atual, de influência operativa sobre o sujeito, ante o que poderia ser mera recordação do passado ou simples aceitação, porque outros o dizem, de algo externo e alheio”⁶².

Na verdade o autor ao falar em “experiência” e revelação, responde a um dos grandes desafios deste tempo moderno, que é o da fé, ou da revelação de Deus, que parte da experiência. No entanto não esclarece muito o conceito de experiência. E, além do mais, aborda esse conceito, partindo da experiência empírica e científica, mas a experiência da revelação de Deus também traz o lado de experiência que é mistério e que é experiência amorosa.

Diante do termo “experiência”, é importante distinguir as diferentes expressões com que se conjugam as experiências. Como, por exemplo, a experiência científica da experiência existencial. A experiência científica é aquela que se conhece através da ciência, em que se dá a relação entre sujeito e objeto. Nessa experiência de relação se exerce um controle entre sujeito e objeto. Na experiência existencial, a experiência conduz o ser humano e o ser humano é atingido, ou sofre a experiência.

Entre as experiências existenciais humanas, a experiência amorosa e a experiência mística são as duas mais características. A experiência amorosa está ligada ao relacionamento com a alteridade. O ser humano vai ao encontro do outro porque tem dentro de si a possibilidade existencial concreta de sair de si e estabelecer uma relação de amor, de encontro com o outro, uma experiência amorosa. Esta capacidade de sair de si torna o ser humano aberto à relação com o transcendente, à experiência mística. A experiência mística está ligada ao mistério, ao inefável, é algo dado gratuitamente por Deus. Ele vem ao encontro, toma a iniciativa, revela-se, deixa-se encontrar. É uma experiência que não tem como ‘dizer’, é mistério.

Outras experiências que caracterizam o ser humano são as experiências limites, ou seja, a experiência da morte, da solidão, do sofrimento inocente, do erro. Na experiência de morte está a experiência da finitude humana. Da incapacidade do ser humano de fazer frente a essa realidade, a única certeza que está subjacente ao nosso viver. Outra experiência limite é a da solidão. Estar sozinho pode ser uma experiência positiva, boa, desde que se tenha consciência. A escolha de ficar sozinho durante um tempo pode ser

⁶² TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 256.

enriquecedora. Olhando para a experiência do limite da solidão o ser humano passa por um estado de profunda separação, isso pode se manifestar no sentimento de abandono, rejeição, insegurança, falta de esperança. Enfim a experiência de estar só consigo mesmo numa solidão profunda, numa experiência limite.

A experiência limite do sofrimento inocente. Fazer a experiência de sofrer por algo que não se praticou. Experimentar o limite de pagar injustamente por aquilo que a consciência não acusa. Temos em Jesus o exemplo de alguém que na experiência da cruz experimentou a máxima expressão do sofrimento inocente, mas que nele se tornou um sofrimento redentor, fonte de sentido para todo sofrimento humano.

E, por fim, a experiência humana do limite do erro, do pecado, da fragilidade. Faz parte da nossa experiência ordinária a imperfeição, o erro e a ruptura. Queremos ser perfeito, nunca falhar. Mas a vida mostra-nos quanto falhamos. Apesar de não ser preciso errar para ser humano, a verdade é que errar faz parte do limite da experiência humana.

Jürgen Moltmann, no seu livro *O Espírito da Vida*, descreve o conceito de experiência e, mais concretamente a experiência a partir do Espírito. Segundo ele, tanto na Filosofia quanto na Teologia o conceito de experiência é um dos menos esclarecidos. E pelo fato de o conceito não estar estabelecido, logo a curiosidade desperta quando se parte de experiências. “Experiência, no sentido mais amplo, designa a totalidade daquilo que ocorre ao homem na vida de sua consciência”⁶³, ou que, “experiência, abrange a totalidade daquilo que a razão adquire no exercício de sua atividade”⁶⁴.

Para Moltmann, no entanto, a maioria de nossas experiências não as fazemos com a consciência nem com a razão, ou intenção consciente. Ao contrário,

percebemos com nossos sentidos as ocorrências que nos atingem, elas tocam-nos o corpo, penetram nas camadas inconscientes de nossa alma, e de certo só uma pequena parte delas se torna consciente e é ‘adquirida’ pela razão no exercício de sua atividade reflexiva e interpretativa.... É evidente que a consciência, a razão e a vontade racional fazem parte do sentir e do elaborar as experiências. Mas nossa totalidade corpórea também experimenta de outra maneira e também elabora as experiências de outras maneiras.⁶⁵

⁶³ MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida*, p. 30.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 30.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 32.

Diz Moltmann que “a experiência do espírito de Deus não está limitada à autoexperiência do sujeito humano, mas é um elemento constitutivo também na experiência do tu, experiência da comunhão e na experiência da natureza”⁶⁶. Portanto, na medida em que Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus, e, portanto, o próprio Deus à sua maneira, experimenta todas as coisas, é possível a experiência em, com e ao lado de toda a experiência diária do mundo.

Segundo Moltmann, a possibilidade que temos de reconhecer Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus, fundamenta-se teologicamente na compreensão do Espírito de Deus como força de toda a criação e fonte da vida. Como nos diz o salmo “Escondes tua face e eles se apavoram, retiras sua respiração e eles expiram, voltando ao seu pó. Envias teu sopro e eles são recriados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104, 29-30). Portanto, para Moltmann, toda a experiência de uma criatura do espírito é também uma experiência do próprio espírito. Assim, toda a autoexperiência passa a ser também uma experiência do espírito, de vida de Deus no ser humano.

O teólogo Karl Rahner, ao se referir à relação do homem com o transcendente, enquanto criatura, frisa que essa experiência transcendental necessariamente nos remete ao mistério:

está dado o que venha a ser condição de criatura e na verdade como algo que é experimentado imediatamente nessa experiência. O termo ‘condição de criatura’ interpreta corretamente essa experiência original da relação entre nós e Deus. Em primeira instância e originariamente, a condição de criatura refere-se a uma relação cuja natureza só pode descobrir no seio da experiência transcendental como tal e não no fato de uma coisa fundar-se na outra do mesmo gênero dela.⁶⁷

Segundo Andrés Torres Queiruga, a revelação de Deus na realização humana vai se realizando numa progressiva relação com Deus. “Unicamente à medida que a livre e consciente subjetividade do homem vai-se apropriando na história do manifestar-se de

⁶⁶ MOLTSMANN, J. *O Espírito da Vida*, p. 44.

⁶⁷ RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*, p. 97.

Deus, pode acontecer a revelação. Por isso, esta não pode vir pronta, caída do céu. Tem de fazer-se no próprio ir-se fazendo do homem”⁶⁸.

A revelação de Deus na realização humana nada mais é do que dizer que Deus não se revela, a não ser na e para humanização dos homens e mulheres que buscam dar maior sentido e razão de ser para a sua existência. Deus se revela para nos tornar mais humanos, solidários e fraternos, construindo o sonho de Deus de uma sociedade de irmãos e irmãs.

Segundo o autor, se Deus cria o ser humano por amor, e por amor se oferece gratuitamente a ele, então o ser humano é aquele que recebe, que acolhe, que deixa ser a ação de Deus em si mesmo. Para Queiruga, a idéia do Deus que cria por amor, parece ser uma das chaves de leitura importante para uma nova forma de compreender a relação imanência-transcendência.

Falando de criação, preserva a máxima diferença; mas vendo-a a partir do amor, assegura a máxima identidade, (maior que a mãe com sua criatura: *Is* 49,15). Fundando e sustentando o mundo, Deus promove sua autonomia sem nela interferir, é presença viva sem ter que ‘entrar’ em um espaço que já está sempre cheio de sua presença ativa, com iniciativa irrestrita e absoluta.⁶⁹

Segundo o nosso autor, a Palavra de Deus que nunca se esgota num único paradigma, se encarna sempre, criando História e assumindo as questões vitais e cruciais do ser humano. Ela não se realiza senão na vivência cotidiana, mediante a aceitação do homem. Deus é alguém que se aproxima do ser humano, para auxiliá-lo, não o tolhe na liberdade. A dinâmica da salvação consiste na real dialética entre Deus e a pessoa. De um lado está Deus em pura e constante doação e do outro, o ser humano e seu empenho por receber e acolher a bondade divina. Neste contexto o ser humano realiza a “experiência de Deus” que, em sua bondade possibilita ao ser humano fazer a experiência do divino.

⁶⁸ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 292.

⁶⁹ Idem. O Vaticano II e a Teologia. *Concilium*, nº 312, 2005, p. 26-27.

Ao se falar em experiência, e aqui experiência de Deus que se revela no humano, tem também o confronto com Edward Schillebeeckx, que trata deste assunto⁷⁰. Para ele, “sem experiência não há revelação. De um lado, nenhum argumento que venha desde fora da fé cristã poderá justificar esta fé, por outro lado, a salvação que se nos oferece generosamente não pode ser vista fora da vida e da experiência humana”⁷¹. A revelação por sua própria natureza tem a ver com a experiência humana, é uma experiência expressa em palavras. “É a ação salvífica de Deus enquanto experimentada e expressada pelo homem”⁷². O próprio Torres Queiruga, na apresentação do livro *Fé cristiana y Sociedad moderna*, de Schillebeeckx, comenta sobre a sua meta principal de romper com a oposição entre a revelação concebida como mistério e a experiência humana. Mostra como a experiência cotidiana tem muito caráter revelador, e por outro lado, a revelação religiosa só chega a nós e resulta como significativa se conectada com a experiência. Desta forma a revelação não se impõe arbitrariamente, senão traz em si a autoridade da experiência.

Segundo a apreciação de Queiruga, Schillebeeckx termina a obra falando da possibilidade de uma experiência de fé efetiva nas condições da sociedade atual. A dificuldade vem, de uma parte, da pobreza experiencial da sociedade e de outra, das mudanças profundas na socialização do cristianismo. Segundo ele, somente uma Igreja que

⁷⁰ Para Edward Schillebeeckx a experiência é mais que mera vivência. A experiência realiza-se em processo dialético com o concurso de perceber e pensar e de pensar e perceber. O pensar torna possível a experiência, e experiência torna necessário novo pensar. Schillebeeckx em seus estudos busca compreender a experiência cristã, concreta e contemporânea. Segundo ele, falta à teologia católica uma hermenêutica. O que se utiliza na teologia católica, como equivalente a uma teoria hermenêutica, é a teoria da evolução do dogma, que permite explicar a persistência da mesma verdade dogmática nas manifestações da fé em contexto cultural que passou por mudanças, como desenvolvimento legítimo e homogêneo do implícito para o explícito. Segundo Schillebeeckx, a consciência humana que faz experiência não é uma folha em branco e jamais se realiza em vácuo psíquico ou sócio-histórico. Há aspectos complexos em relação à estrutura de nossas experiências. Para o autor, uma experiência para ser competente, ter ‘autoridade’, deverá ser pesquisada racional e criticamente. A experiência só se torna competente quando leva criticamente em conta os pressupostos do seu surgimento. Experiências humanas são mediadas social e politicamente. Portanto, é preciso análise exata da situação atual, para que novas experiências possam manifestar sua força originária. (Cf. Gibellini, R. Op. Cit, p. 325). Para Schillebeeckx, a revelação só chega propriamente à sua plenitude como revelação real na resposta de fé a uma situação muito concreta com um horizonte próprio de questões. Insiste em que toda a experiência existe sempre enquanto interpretada. Isso vale contra todo fundamentalismo bíblico por parte dos fiéis e contra toda acusação apressada de extrinsecismo por parte dos não fiéis. Não existe oposição entre experiência e interpretação, de maneira que a fé pudesse ser tão-só uma interpretação, e apenas a não-fé se apoiasse na experiência. Ambos, fiel e não-fiel, experimentam interpretando. É necessária a experiência viva e real para que haja interpretação cristológica autêntica: ‘nenhuma revelação sem experiência’. A ruptura entre fé e experiência é uma das causas fundamentais da crise atual entre os cristãos fiéis à Igreja. Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a Cristologia*, p.74.

⁷¹ SCHILLEBEECKX, E. *Cristo Y los cristianos*, p. 39.

⁷² *Ibidem*, p. 39.

seja capaz de renunciar à uniformidade, aproveitando a plural riqueza dos grupos e comunidades, terá uma presença profunda⁷³.

A revelação pela história se realiza também na história individual. A crise da comunidade no exílio babilônico supôs um avanço culminante no processo revelador.

O homem experimentou com decisiva nitidez a presença de Deus no próprio núcleo de seu estar sendo pessoa. A intimidade dramática da vida de Jeremias como lugar em que descobre o Senhor em proximidade, força e vivacidade nunca vista até então, constitui um exemplo bem significativo.⁷⁴

Para o autor, a consciência da pessoa constitui um lugar privilegiado no anúncio do divino para o homem. “Considerada em toda sua radicalidade e amplitude, a consciência constitui de algum modo a determinação ontológica do homem em sua mais íntima especificidade”⁷⁵. Todo nosso ser é, enfim, um gesto real de Deus feito desde seu poder e sua liberdade criadora. Gesto intencionado, dirigido a nós para que o captemos: na realidade cósmica, na realidade histórica ou na realidade individual. Não há outra possibilidade, dada a “diferença ontológica” entre o criador e a criatura. Captar este gesto é acolher na intencionalidade humana a ativa intencionalidade Divina que a ela se dirige: a revelação.

O ser humano é emergente, ou seja, não está plantado na horizontalidade de um mundo redondo, mas é um ser aberto e dinâmico, que continua por outros caminhos, o processo. Descobrimo, ao olhar para trás, o processo evolutivo, movido por um dinamismo infinito, aberto a uma plenitude que lhe chegue a partir de fora e a partir de cima. Dentro desta realidade e falando agora a partir da perspectiva religiosa e iluminado por ela, o homem se sente, por trás, modelado desde a raiz pela mão criadora de Deus que o impulsiona e, pela frente, colado ao rosto desse mesmo Deus, que o chama e lhe vem ao encontro nas mil figuras, da realidade total. A revelação se insere nesta abertura. É justamente a descoberta deste rosto e a escuta de sua palavra⁷⁶.

⁷³ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Fé cristiana Y sociedad moderna*, p. 10-12.

⁷⁴ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 168.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 169.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, p. 174.

Segundo o nosso autor, a revelação por parte de Deus sempre se realiza na liberdade do homem. A relação pessoal do ser humano com Deus, embora oferecida e disponível por parte de Deus, só é efetivada quando é acolhida por parte de quem recebe a doação, ou seja, tão somente na resposta da pessoa se faz realidade concreta. Portanto, o processo da revelação se identifica com a história do homem, avançando com ele em sua caminhada e realizando-se em sua realização. Estamos muito acostumados a identificar o real com o físico quando no homem o real é o espiritual. Através do corpo recupera-se todo o esforço constitutivo do cosmos e da vida, que se traduz em consciência e liberdade. A revelação implica pois, em algo bem simultâneo: “ação de Deus e a realização do homem”.

A pessoa humana descobre em sua emergência a força criadora e salvadora de Deus que o pressiona para sua realização, mas sabe, também, que essa realização é sua, que é ela mesma que cresce. Descobrir-se desde Deus é maturar o próprio ser, ir dando a ele a substância de seu último e mais autêntico crescimento; ao mesmo tempo este crescimento vai possibilitando uma dialética progressiva, novas capacidades de acolher a ação de Deus⁷⁷. Continuando com a concretude da revelação pode-se intuir que a presença de Deus na liberdade humana possui uma eficácia inédita que, sem romper com a transcendência, o faz distinta da presença em tudo o mais. O ser humano que “emerge” no mundo, realizando-se no encontro com Deus, é o ponto em que a ação divina encontra uma possibilidade de ação dirigida imediatamente à mudança, à transformação ou à conversão da pessoa⁷⁸.

Para Torres Queiruga a presença de Deus se revela como chamado à mudança, à conversão de vida, convite ao novo. Deus assim, pode influir diretamente no homem através da liberdade. Fazendo-o receber influxos a cada momento por meio da natureza, da história e do próprio Deus. Ele não entra em concorrência com a liberdade humana, a graça da revelação consiste em que Deus se manifeste e confirme sua liberdade no quadro da livre atividade do homem. À medida que Deus vai adentrando a liberdade humana, também capacita o homem para que oriente na justa direção o mundo. “Deus entra na história e transforma o mundo não à base de milagres e intencionismo, e sim através de sua presença reveladora na liberdade do homem”⁷⁹.

Deus não se manifesta como milagreiro que vai salvar a pessoa humana tirando-a da opressão, injustiças, guerras, enfermidades, mas busca entrar na história humana através de nossa liberdade, para transformar tudo isso. “Para abrir um horizonte de esperança, onde

⁷⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 202.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*, p. 203.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 205.

tudo possa ser assumido sem destruir o sentido de nosso ser e aniquilar nossa possibilidade de realização”⁸⁰. Influir no mundo através da liberdade, do amor que chama, corrige, potencializa. A revelação se realiza no face a face do encontro. Aperceber-se da presença de Deus não é descobrir um espaço neutro que a pessoa explora por sua iniciativa; ao contrário, é sentir-se chamado, interpelado, levado sempre mais além de si mesmo por caminhos nunca antes suspeitados, que um amor livre e gratuito vai traçando e iluminando. Quanto mais intensa é a descoberta, mais evidente se faz seu caráter de dom⁸¹.

Segundo Torres Queiruga, a revelação consiste em ir descobrindo a ação de Deus através de nosso ser, não é algo misterioso que irrompe na realidade. Podemos dizer comparativamente que a revelação não é a cegueira e sim a “parteira”, ela ajuda a dar a luz o que está dentro. Deus não falha, nós é que falhamos, por isso não tem sentido entender a revelação como um “milagre” intervencionista na história humana. Que Deus é esse, que faz milagre a um e não a outro? Um Deus limitado não é Deus, Ele continua sendo onipotente, a culpa existe em nós, porque somos seres finitos. Não há nenhum conhecimento de Deus que não seja revelação. Se algo descobriu de Deus, é porque Ele se deixa revelar⁸².

O que chamamos de revelação é uma resposta real e concreta a perguntas humanas e por isso mesmo, são sempre as mesmas perguntas. “Dessa forma, descobrimos a revelação, porque alguém no-la anuncia; mas a aceitamos porque, despertados pelo anúncio, ‘vemos’ por nós mesmos que essa é a resposta certa”⁸³.

Diante da religião, o seu fundador não coloca nos ouvintes algo externo que lhes seja alheio, mas ajuda as pessoas a “dar-se conta”, a “dar à luz”. É a arte da parteira. Aquilo que eles ou elas já são em sua realidade mais íntima, a partir da presença viva e atuante de Deus na criação e na História⁸⁴.

Se a revelação consiste em dar-se conta de que Deus já estava aí, é porque a partir de seu amor, Ele estava fazendo todo o possível para se manifestar, na máxima medida. “O limite não é fruto da ‘mesquinhez’ divina que podendo revelar-se mais, ou melhor, não quer fazê-lo. É fruto da inevitável limitação humana, infinitamente desproporcional ao mistério que, como generosidade irrestrita, procura dar-se e manifestar-se por todos os meios”⁸⁵.

⁸⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 206.

⁸¹ Cf. *Ibidem*, p. 211.

⁸² *Idem*. Anotações pessoais da palestra: *O fazer teológico em tempos pós-modernos*, proferida em São Leopoldo, na Unisinos, em 27.05.2004.

⁸³ *Idem*. *Autocompreensão cristã*, p. 18.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, p. 18.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 20.

Deus não cria por amor a si mesmo, mas por amor a todo homem e a toda mulher. Oferece-nos como dom a participação em sua plenitude. “A única coisa que não pode nem quer é romper os limites de sua finitude; é preciso respeitar o crescimento da liberdade e o trabalho da história, sem os quais a existência humana não pode ser, nem realizar-se”⁸⁶.

⁸⁶ TORRES QUEIRUGA, A. *Autocompreensão cristã*, p. 20.

2. HISTÓRIA E REVELAÇÃO DE DEUS

Segundo Torres Queiruga, hoje, mais do que nunca se faz necessário retomar a História e a forma como Deus foi se manifestando ao longo desta História. Por muito tempo se herdou a idéia de ver a História sob a seqüência paraíso – queda – castigo – redenção – glória. Seqüência esta que, de certa forma, está incrustada no imaginário coletivo tanto secular como religioso. Portanto, é importante romper com esse esquema buscando uma leitura mais condizente e que leve a sério Deus em seu amor incondicional.

Ou seja, um esquema que, em lugar de ver um “Deus” que castiga implacavelmente uma falta original, não só expulsando do paraíso e introduzindo o sofrimento e a morte no mundo, mas exigindo inclusive o sacrifício de seu Filho para outorgar o perdão, propõe uma seqüência radicalmente distinta: a do Deus que por amor traz à existência sua criatura que, como não poderia deixar de ser, nasce imperfeita, mas é sustentada incansavelmente em seu crescimento ao longo de toda sua história que culmina em Cristo e que, graças à ressurreição, se abre à esperança da glória definitiva, sem sombras nem fissuras⁸⁷.

Deus não cria o ser humano primeiro como criatura neutra “natural” para depois elevá-la a um estágio superior “sobrenatural”. “Criada por amor, no amor e para o amor, a criatura humana está desde sempre envolvida na graça salvadora de Deus, que a sustenta no ser e a promove na sua realização possível na história, até a plenitude da comunhão definitiva”⁸⁸. Com isso, segundo Torres Queiruga, é possível compreender a imagem divina a partir de um Deus amoroso, próximo, sem perder nada da riqueza que se buscava expressar, mas igualmente sem cair em um otimismo fácil. O mal continua sendo real e não se nega sua dura presença, mas não é castigo divino, é antes um obstáculo que, opondo-se igualmente à criatura e ao impulso criador que a sustenta, representa aquilo que Deus “não quer” e em cuja superação Deus, como Pai-Mãe ao lado de seus filhos e filhas, trabalha ele mesmo, apoiando e inspirando nosso esforço.

⁸⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Esperança apesar do mal*, p. 11.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 78.

A salvação em Jesus Cristo não é o preço a se pagar a um 'Deus' irado; é exatamente o contrário: a culminação da 'luta amorosa' que, ao longo e no espaço de toda a história, o Deus-*abbá* sustenta contra nossos limites inevitáveis e contra nossas resistências culpáveis, com o único fim de nos dar a conhecer seu amor e fazer-nos capazes de acolher sua ajuda.⁸⁹

2.1 A REVELAÇÃO NA HISTÓRIA

Percebendo a História como uma dos espaços teológicos da revelação de Deus, Torres Queiruga entende que a revelação de Deus na História de homens e mulheres de fé se manifestou desde o início da vida humana. Por sua vez, a “revelação na história aparece partindo de sua própria raiz, não só nascendo na história, mas também criando história e realizando-se nela”⁹⁰.

Para o autor, desde sempre o ser humano constatou que Deus se nos manifesta, como o comprovam as religiões, os mitos e os ritos da humanidade, que pressupõem uma comunicação real entre Deus e o homem⁹¹.

O mistério divino se manifesta dentro de nosso mundo. Podemos encontrá-lo na natureza, que, enquanto criação de Deus, nos remete ao Criador; no mistério que se revela no homem mesmo; e na história, que vive de uma esperança que significa algo mais que a história.⁹²

A plenitude da revelação com seu dinamismo não oferece resistência histórica. Contudo, corre o risco de recair em fórmulas ou esquemas intelectuais. A *Dei Verbum* é um exemplo disso, quando afirma a revelação como o revelar-se a si mesmo, manifestando o mistério de sua vontade por parte de Deus. Ou ainda, ao centrar em Cristo a plenitude da revelação, mas que no final apresenta a revelação como algo feito e fechado. “Não há de se

⁸⁹ TORRES QUEIRUGA, A. *Esperança apesar do mal*, p. 78-79.

⁹⁰ Idem. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 140.

⁹¹ Cf. Ibidem, p. 144.

⁹² Ibidem, p. 148.

esperar outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de Jesus Cristo nosso Senhor”⁹³.

Segundo Queiruga, a plenitude da revelação, como abertura histórica, nos apresenta a revelação como algo sempre atual e aberto ao futuro, com o cuidado sempre novo de não cair na armadilha da linguagem. Compara isso com uma “amizade” ou um “amor”, que, depois de um longo tempo de gestação chega a um ponto em que a confiança é total e a entrega, sem reservas. Pensar no término deste amor seria não entender nada, pelo contrário, é neste momento que se desenvolve todas as potencialidades e possibilidades, numa abertura ao futuro⁹⁴. A mesma coisa, até mais rica e profunda, podemos dizer da revelação.

Que a comunhão salvadora e amorosa de Deus com o homem alcance em Cristo a plenitude, não significa um fim, mas o grande começo, a ‘nova criação’, o espaço onde, a todo o homem é aberta a possibilidade de avançar para a ‘idade adulta’, até a estatura que corresponde à plenitude de Cristo (*Ef 4,13*).⁹⁵

Jesus Cristo plenitude da palavra definitiva de Deus, fecha em si toda revelação da história da salvação ao mesmo tempo, abre-se como reveladora toda história da revelação passada, presente e futura. “A historicidade do homem não fica, pois, anulada. Ao contrário, fica estabelecida em seu âmbito definitivo e carregada com as possibilidades de uma promessa infinita”⁹⁶. Portanto, a revelação definitiva, como oferecimento histórico, não passa a ser uma figura morta do passado, destinada apenas à repetição da memória. “É a vida insuperável, porém sempre aberta a realizar-se na própria vida da história humana”⁹⁷.

Segundo o teólogo João Batista Libânio, existe um círculo hermenêutico entre a história e a revelação: a História permite compreender a revelação e a concepção de história é afetada pela revelação. Porém, história e revelação não são grandezas da mesma natureza, mas se nutrem da mesma fonte de verdade⁹⁸. Na revelação Deus toma a iniciativa

⁹³ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 251.

⁹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 252.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 253.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 255.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 255.

⁹⁸ Cf. LIBÂNIO, João B. *Teologia da revelação a partir da Modernidade*, p. 287.

e vem ao encontro do ser humano num diálogo amoroso, enquanto a história é construção humana. Mas ambas se complementam, se projetam para a mesma direção, a plenificação da história e a totalização da revelação.

Consciente de que o limite da revelação não é algo imposto por Deus e sim pela impossibilidade da criatura, é que, hoje mais do que em outros tempos, a sensibilidade faz superar com maior profundidade e coerência esta intuição. Isso não apenas se pode dizer pela simples tradição bíblica, que rompendo a circularidade do tempo dá primazia ao futuro, mas pela irrenunciável historicidade do homem. “Este consiste em realizar-se na história, mediante o exercício da própria liberdade”⁹⁹.

Torres Queiruga afirma que história e revelação podem ser entendidas como dimensões que são afetadas pela ação de Deus e da pessoa humana. É na história que Deus se revela, por amor ao ser humano e por respeito à sua liberdade de criatura que faz história. O projeto de Deus, portanto, não se impõe, mas é dom gratuito. O teólogo Wolfhart Pannenberg também defende a idéia da teologia como história.

Não se pode falar de revelação como palavra, e sim de revelação como história; Deus não se auto-revela diretamente por sua palavra endereçada ao homem, e sim indiretamente, na língua dos fatos, isto é, por meio de suas intervenções na história, entre as quais a ressurreição de Jesus Cristo.¹⁰⁰

Confrontando os espaços teológicos da revelação de Deus descritos por Torres Queiruga, o teólogo Luiz Carlos Susin¹⁰¹ no livro *Descer da cruz os pobres*, relata que, por muito tempo, o lugar que pretendeu ser espaço humano do divino, a mediação reveladora, foi o lugar teológico do poder. Quanto maior a potência, mais revelaria a onipotência divina¹⁰². Ao referir-se à história como um dos espaços teológicos da revelação de Deus, o Concílio Vaticano II, a partir da sensibilidade pastoral de muitos bispos, falando dos

⁹⁹ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 287.

¹⁰⁰ GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*, p. 273.

¹⁰¹ LUIZ CARLOS SUSIN é frade Capuchinho. Nasceu em Caxias do Sul em 1949. Atualmente é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e colega de Torres Queiruga no Comitê de redação da Revista Internacional de Teologia *Concilium*.

¹⁰² Cf. SUSIN, Luiz C. O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja. In: VIGIL, J. M. (org) *Descer da cruz os pobres*, p. 324.

“sinais dos tempos”, define com toda decisão a história e seus acontecimentos como lugar teológico.

A teologia latino-americana, entretanto, passa a perceber essa história como um dos lugares teológicos da revelação, mas, a partir de seu reverso. A partir daqueles que “não têm poder”, que não triunfam, que historicamente foram explorados, ou seja, “os pobres”. O lugar do pobre é o lugar da universalidade, a partir do qual todos têm possibilidade de encontrar Deus, de entendê-lo e de receber a salvação universal¹⁰³.

Para Torres Queiruga, a história é criação de Deus na medida em que toda sua realidade e toda energia nela desenvolvida está fluindo constantemente de suas mãos criadoras. O que sucede é que essa ação divina se realiza através da liberdade humana. A ação de Deus se realiza em e através da liberdade humana por ela sustentada. O exercício autêntico dessa liberdade é o lugar privilegiado no qual Deus se faz presente como fonte de energia que suscita e como pólo de amor que atrai. O divino como constitutivo nuclear da experiência social, a densidade sacral do mundo da fertilidade, verdadeira transição entre a natureza e a cultura; as funções sociais com seus ritos de iniciação, consagração e passagem; a própria história do clã, da tribo ou nação, com seus deuses protetores e suas peculiares configurações religiosas foram sempre fontes fecundas de manifestação do sagrado¹⁰⁴.

Para o nosso autor, o povo de Israel, na origem de sua história, no momento de sua decadência, na experiência do caos, como também na sua plenitude, descobriu a presença ativa de Deus. No próprio esforço por afirmar-se através da dor e da alegria, da escravidão e da libertação conseguiu descobrir a presença viva de Deus. Descoberta que tem a mesma verdade daquela feita a partir da natureza. Diferentemente da natureza, com sua ordem imutável, na história essa descoberta se realiza numa interação aberta, que se vai aprofundando e auto-desdobrando acumulativamente como impacto de cada nova experiência¹⁰⁵.

Através da natureza contemplamos a glória e a grandeza da divindade, tendendo a uma religião epifânica, na História, pelo contrário, se avança com a narração do tempo real, com a presença de Deus se realizando no processo mesmo da realização do homem.

¹⁰³ Cf. SUSIN, Luiz C. O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja. In: VIGIL, J. M. (org) *Descer da cruz os pobres*, p. 327.

¹⁰⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p.163-164.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p.165.

Em lugar da criação aparece a aliança como matriz fecundíssima de sentido, que tende a ‘historicizar’ o próprio mito, e abre a inesgotável riqueza de atributos éticos de Deus”¹⁰⁶.

Torres Queiruga, em seu livro *A revelação de Deus na realização humana*, descreve que toda a criança israelita do futuro sempre poderá perguntar a seu pai o significado daquela história (*Ex 12, 21-27*) para conhecer assim a fidelidade de *Iahweh* e aprender a descobri-la na própria vida. Esta mesma constatação é possível fazê-la através da revelação profética.

Para o autor, captar a revelação é um processo de toda a pessoa. Tem lugar na vida cognitiva e na emotiva, mas igualmente, e de modo decisivo o tem, na conduta prática. O homem, cuja conduta se deixa guiar pelo dinamismo do amor e do serviço, está, mesmo sem sabê-lo, captando e obedecendo ao chamado da graça; nele acontece e se manifesta estritamente a revelação de Deus. Por sua vez, quem diz ter captado “cognoscitivamente” a revelação, terá de mostrá-lo em sua práxis real, pois aceitar a revelação de Deus é aceitar seus caminhos¹⁰⁷.

A descoberta de Deus na história não acontece sem alguns pressupostos, vemos assim o exemplo na própria experiência fundante do Êxodo, em que Moisés, não partia do zero, pois tinha por trás não só a tradição dos pais, mas também as religiões vizinhas como a madianita e a egípcia. A história da revelação será a história religiosa da experiência cada vez mais profunda e intensa na existência do indivíduo e na vida do povo. Com toda evidência, Israel chegou a uma visão histórica impregnada pela fé, tendo como centro dinamizador a experiência da libertação do Egito.

Sem buscar exclusivismo, nem querendo ser melhores do que os outros, o autor defende que a religião bíblica se caracteriza, entre as demais, como uma religião aberta à História. Que vai descobrindo-se a si mesma no decorrer do tempo, enfrentando novas situações, novos problemas. Descobrimo a Deus, naquilo que Ele quer ser para nossa vida e nossas atitudes diante dele e dos demais. Somos chamados a estar bem atentos à história, ao que acontece na comunidade, na sociedade, na nação e no mundo, porque é aí que vamos encontrar o Deus real e verdadeiro. ‘Eu serei aquele que serei’, disse a voz da sarça a Moisés; ou seja, Deus é aquele que vai mostrando-se com sua presença ativa nas diversas transformações da História. Aí é que iremos encontrando, aí é que iremos descobrimo os traços autênticos de seu rosto salvador¹⁰⁸.

¹⁰⁶ TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na realização humana*, p.165.

¹⁰⁷ Cf. *Ibidem*, p. 166-167.

¹⁰⁸ Cf. *Idem*. *O Cristianismo no mundo de hoje*, p. 21.

2.2 A “PALAVRA” – LUGAR DA REVELAÇÃO

Para Torres Queiruga, a Palavra é um dos lugares por excelência da revelação de Deus. Ao longo da história do povo de Israel, Deus foi se revelando em diferentes fatos, pessoas, acontecimentos. A palavra revelada a partir dos profetas bíblicos se expressa através de dimensões íntimas do ser humano, como vemos em Oséias: Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim, entregar-te, ó Israel (...) Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se. Não executarei o ardor de minha ira, não tornarei a destruir Efraim porque eu sou um Deus e não um homem, eu sou santo no meio de ti, não retornarei com furor (*Os* 11, 8-9)¹⁰⁹.

Portanto, a revelação seja lá qual for sua essência mais íntima, não aparece como palavra feita, como oráculo de uma divindade executado por vidente, mas como uma experiência viva, como um “dar-se conta” a partir das sugestões e necessidades que estão à volta, no contato com o sagrado¹¹⁰. A esta vinculação da palavra profética com a vida e a história se devem também à riqueza e as modalidades de sua expressão. Na história da humanidade houve poucas linguagens tão fecundas quanto à linguagem dos profetas bíblicos. A revelação aparece assim descobrindo-se e expressando-se através das dimensões mais íntimas do humano¹¹¹. Tanto nos salmos como na literatura sapiencial percebe-se a contribuição humana no articular o impulso que vem de Deus. “A revelação se realiza incorporando em si a carne e o sangue do esforço humano”¹¹².

Por vezes, segundo o autor, dentro da tradição cristã, corremos o risco de fazer da Bíblia um mundo à parte, sem nenhum contato com a realidade circundante, como nascida totalmente de si mesma, isolada, sem influência ou derivações. A religião bíblica se apresenta com uma força e com uma riqueza excepcional. Seria ingênuo pensar que os homens da Bíblia viviam toda a sua ética, seu culto e sua religiosidade como algo

¹⁰⁹ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 59.

¹¹⁰ Cf. *Ibidem*, p. 54.

¹¹¹ Cf. *Ibidem*, p. 59.

¹¹² *Ibidem*, p. 66.

expressamente revelado¹¹³. Na Bíblia não existe uma palavra determinada para designar o que nós chamamos tão espontaneamente de ‘revelação’. Aparecem diversas expressões como *desvelar, aparecer, falar*. A terminologia não clarificada indica que a Bíblia está menos interessada no conceito e na reflexão acerca da revelação, do que no fato e no acontecimento dela¹¹⁴.

A Bíblia, logo no seu surgimento, já manifesta seu caráter de encarnação e de profunda humanidade. Vemos que a partir da monarquia e, portanto, de uma mudança significativa na organização do povo, Israel percebe a necessidade de buscar uma nova compreensão de si mesmo, a partir da fé. A Bíblia será pois a expressão dessa consciência. Ou seja, vemos aqui que a revelação não surgirá a partir de um ditado verbal, expressão usada pelo autor, mas como uma necessidade histórica e a consequente criação das condições de sua possibilidade.

Segundo Torres Queiruga, se nos perguntamos de onde vem essa consciência impregnada pela fé em seu Deus, perceberemos que há um ponto de partida, ou seja, a experiência que marcou toda a história de Israel: a libertação do Egito. Os relatos bíblicos sobre o êxodo nos trazem narrações grandiosas, mas que historicamente tiveram pouca repercussão no mundo egípcio. Contudo, por uma série de motivos, os hebreus viram nestes mesmos acontecimentos a presença de Deus que os libertava e os conduzia a uma terra onde pudessem constituir-se como povo. Percebe-se que no fundo há aqui uma pessoa e uma experiência: Moisés e sua interpretação dos acontecimentos. Podemos através disso perceber mais uma vez que o sentido e a essência da revelação não estão em ouvir vozes, mas em discernir os sinais dos tempos, numa linguagem em que também o Concílio Vaticano II pode nos iluminar, para perceber a presença viva de Deus nos acontecimentos, presença que pede de nós uma resposta, um compromisso.

O autor trabalha, também, a partir da Palavra como revelação, a questão do “movimento profético”. Percebe-se a força e a vitalidade com que a revelação de Deus se dá através dos profetas. Num primeiro momento segundo Torres Queiruga, dá a impressão de que os profetas possuem um contato privilegiado com Deus, contudo, também neles, quanto mais sintonizam em sua experiência, mais se aprecia a presença do ser humano, da história, da sociedade nas entranhas do processo. Pode-se dizer que a principal característica do movimento profético não está numa inovação da revelação, mas na fidelidade com a qual os profetas vivem a fé no Deus Javé. Não trazem com isso novas

¹¹³ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 24.

imagens de Deus, mas sim uma experiência mais plena de Deus. É a partir da inserção dos profetas na realidade social e política de sua época, vivida num profundo contato com Deus, que nasce a sua palavra ou a ‘Palavra de *Iahweh*’¹¹⁵.

Para o autor, a “palavra” na tradução da revelação refere-se a uma necessidade estrutural. “A experiência reveladora, para sê-lo, tem de ser vivenciada como manifestação de Deus. Essa vivência precisa, por sua vez, ser expressa, tanto para ser compreendida como para ser comunicada”¹¹⁶. No êxodo, se repete constantemente: disse *Iahweh* a Moisés. E à medida que avança a história da revelação, este dizer de Deus vai ganhando em intensidade e extensão. Trata-se de um dizer entranhado na experiência.

Para Torres Queiruga, o Deus do Antigo Testamento se apresenta ao ser humano sem reservas em seu amor e apoio, respeitando, no entanto, a opção da liberdade não forçando jamais sua acolhida. O Antigo Testamento transformou essa realidade em tema central sob dois conceitos fundamentais: *promessa e aliança*. O conceito de *aliança*, embora reconhecendo a desigualdade infinita dos contraentes, “como o céu está sobre a terra”, sabe que a opção humana é um constitutivo intrínseco dela. O conceito de *promessa* põe a ênfase na iniciativa absoluta de Deus, que não depende da resposta humana, mas que salva por si mesmo, partindo da gratuidade de seu amor¹¹⁷.

O Deus que cria unicamente por amor, é evidente que vive voltado com generosidade irrestrita sobre todas e cada uma de suas criaturas. Deus que nos criou para a felicidade em comunhão com Ele, chama a todos e desde sempre: “Não houve desde o começo do mundo um só homem ou uma só mulher que não tenham nascidos amparados, habitados e promovidos por sua ação reveladora e por seu amor incondicional”¹¹⁸. A revelação vista enquanto Escritura Sagrada aparece como palavra inspirada, que vem de Deus e vai se revestindo de qualidades divinas. A revelação é a fonte de onde procede a doutrina sagrada¹¹⁹.

Para Torres Queiruga, uma nova visão do Deus bíblico conduz a um conceito peculiar, e de certo modo único, de criação. A experiência ao ser modelada, sobre a imagem do Deus da Bíblia, adquire uma concretude específica. “O Deus que cria é o

¹¹⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 25.

¹¹⁵ Cf. SOARES, A. M. L. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 46-73. Resenha sobre o livro com o mesmo título de Torres Queiruga. Disponível em: <www.lanteri.org.br/html/queiruga.htm>. Acesso em 26 de maio de 2009.

¹¹⁶ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 30.

¹¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 102-103.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 110.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 43.

mesmo que liberta no Êxodo, é anunciado pelos profetas e meditado pela sabedoria; ele mesmo, cuja presença é levada a sua culminação insuperável na palavra e na vida de Jesus de Nazaré”¹²⁰. A experiência reveladora de Deus no Antigo Testamento deve ser completada com a do *Abbá* de Jesus. Com certeza, em Jesus de Nazaré vemos a presença palpável, real da revelação de Deus à humanidade, como Palavra “feito carne”.

Segundo o autor Torres Queiruga, a tendência a considerar a revelação como palavra, e como a palavra consignada e fixada em livro, será naturalmente herdada pelo Novo Testamento. A revelação veterotestamentária significa para o Novo Testamento a Palavra de Deus: Deus falou aos profetas e falou através deles. Sem dúvida, a aparição de Jesus supôs um acontecimento de tal magnitude, que sua presença viva constituiu-se, para a experiência original, na figural real e palpável da revelação de Deus. A palavra aparecia sustentada e transcendida pela encarnação. Ele foi mestre e revelador, com a doutrina, mas também com as obras e com a vida inteira¹²¹. O evangelista São João identifica Jesus com a própria palavra, o Logos,

Ele é por inteiro, revelação e palavra. Palavra que ainda é carne viva e concreta, que vimos com nossos olhos, que contemplamos e que nossas mãos apalparam (1 Jo 1,1); mas que, afinal, também precisa chegar-nos por meio de palavras e que por palavras nos entrega sua revelação: “manifestei o teu nome àqueles que do mundo me deste. Eram teus e os deste a mim e eles guardaram a tua palavra (Jo 17, 6).”¹²²

Diante da percepção de que em Jesus de Nazaré se dá a revelação plena, a própria teologia de comum acordo concorda na impossibilidade de continuar pensando a revelação como um “ditado”. O autor deixa-nos aqui uma questão fundamental: E a consciência de Jesus? Ele sempre possuiu plena consciência de sua divindade, como defende a teologia clássica, ou tal consciência também teve que passar por mediações humanas? Neste ponto a teologia não tem plena certeza, mas, mesmo não tendo tudo claro, compreende que a divindade de Jesus se realiza em sua autêntica humanidade. “E o menino crescia, tornava-se robusto, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele”(Lc 2,40). Isso

¹²⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *Esperança apesar do mal*, p.95.

¹²¹ Cf. Idem. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 33-34.

¹²² Ibidem, p. 35.

também nos faz compreender, segundo Queiruga, que também para Jesus houve um processo autenticamente humano que o levou à descoberta de sua união com o Pai.

Deus, portanto, segundo o pensamento de Torres Queiruga, não se revela de forma extraordinária no mundo, mas mediante um processo, no qual mulheres e homens vão percebendo seu emergir vivo e real na própria experiência humana, na medida em que estes se colocam em relação com o sagrado. Podemos relacionar isto com a bonita história de Carlos Mesters¹²³ em seu livro, *Flor sem defesa*, no qual diz que o primeiro livro que Deus escreveu foi o livro da vida, o livro da Bíblia veio só depois, porque o homem não acolheu o primeiro.

Esta imagem de Carlos Mesters, nos é iluminadora pois nos ajuda a entender e entrar na dinâmica do processo revelador, compreendendo a Palavra de Deus como espaço também da revelação de Deus. Podemos dizer que a teologia clássica, no afã de querer dar um tom abstrato e metafísico à revelação, contribuiu para que a revelação se afastasse do sentido bíblico, como também da realidade humana. A contribuição das ciências bíblicas tem devolvido à revelação bíblica sua justa fisionomia, reconhecendo a primazia do Espírito de Deus, mas também, mostrando que a revelação, como nos diz Torres Queiruga, dá-se na densidade do humano¹²⁴.

2.3 A TRADIÇÃO COMO “PLENITUDE” DA REVELAÇÃO NA HISTÓRIA

Segundo o autor, talvez, o melhor modo de compreender a Tradição cristã consiste em vê-la como realização da plenitude da revelação. A plenitude, significa que o lento e difícil processo pelo qual o homem vai chegando a si mesmo a partir da revelação viva com Deus que se lhe comunica, alcança o ponto de maturidade. Onde as chaves fundamentais ficam desveladas e disponíveis e, portanto, a partir de então, é quando verdadeiramente a revelação começa a ser experiência plena e efetiva. A Tradição constitui justamente a História em ato dessa plenitude na História¹²⁵.

¹²³ CARLOS MESTERS é frade Carmelita, formado em teologia bíblica e doutor especializado em Apocalipse. Natural da Holanda, trabalha no Brasil. É autor de inúmeras obras na especialidade bíblica.

¹²⁴ Cf. SOARES, A. M. L. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 46-73. Resenha sobre o livro com o mesmo título de Torres Queiruga. Disponível em: <www.lanteri.org.br/htm/queiruga.htm>. Acesso em 26 de maio de 2009.

¹²⁵ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 397-398.

Segundo a terminologia hegeliana não é desproposital afirmar que a Tradição é, ao mesmo tempo, o espírito subjetivo da Igreja enquanto consciência, vivência e impulso que a partir de Deus a anima inteiramente; e o espírito objetivo, enquanto multiforme objetivação no culto, no pensamento, na arte, na vida e na ação.

O próprio Concílio Vaticano II disse o essencial diante do tema da Tradição, no documento *Dei Verbum*, 8:

O que os apóstolos transmitiram compreende todo o necessário para que o povo de Deus leve uma vida santa e cresça em sua fé; assim a Igreja com seu ensinamento, sua vida, seu culto, conserva e transmite a todas as gerações tudo o que ela mesma é, e tudo o que ela crê.

Para Torres Queiruga, ao se falar em *Tradição e Escritura*, por muito tempo, se viveu como polaridade o que a natureza e história são chamadas a viver em indissolúvel unidade. Mas, hoje, já se pode dizer que “Escritura e Tradição não podem ser concebidas de nenhum modo como grandezas paralelas, e sim como mutuamente implicadas. Nelas a mais abrangente é evidentemente a Tradição, e a mais defendida, a Escritura”¹²⁶. A *Escritura* como tal, está mais envolvida pela *Tradição*. A *Tradição*, tomada como ato da Igreja, não pode em absoluto ser concebida sem a *Escritura*. Sem a *Tradição* a *Escritura* tampouco poderia ser entendida, nem sequer, ao menos com certa garantia, ser reconhecida em sua existência e legitimidade. Realmente, nem a leitura católica da *Escritura* e tampouco a leitura feita pela Reforma pode conceber-se sem sua longa e determinante contextualização no seio da experiência tradicional¹²⁷.

No entanto, segundo o autor, pode-se dizer que internamente a Tradição “precede”, de certa forma a *Escritura*, mas também a *Escritura* “precede” a Tradição. A razão está em que o fato de escrever foi um dos fatores mais eficazes e dinâmicos na própria constituição da tradição eclesial. A *Escritura* é, de certa forma, uma objetivação da Tradição, mas ao seu lado, também, estão outras objetivações como: os escritos dos padres, os textos litúrgicos ou a práxis sacramental. Não é, contudo, uma a mais ao lado de outras, uma vez que na *Escritura*, na riqueza de seus gêneros e de suas formas, no que tem de sugestivo seu

¹²⁶ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 399.

¹²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 400.

simbolismo e amplitude do “mundo” por ela aberto, se reflete de algum modo toda experiência reveladora. E se reflete com as qualidades insubstituíveis do texto escrito; qualidades que, numa história em contínua expansão pela amplitude e pluralismo cultural, são as únicas capazes de tornar possível a sobrevivência fiel e suficientemente unívoca dessa mesma tradição.

Portanto, segundo o autor Torres Queiruga, como Igreja, não se pode manter a Tradição sem uma constante volta às Escrituras. A Tradição é a presença viva da revelação, e esta está constituída à base de “experiências de desvelamento”, alcançadas por pessoas privilegiadas, em momentos privilegiados e fixados numa Escritura privilegiada. A Escritura é assim o meio pelo qual a consciência da revelação se mantém viva na história¹²⁸.

Levando em conta a importância central da hermenêutica em nosso tempo provocada a ampliar nosso horizonte e saindo de nossas disputas confessionais percebe-se que,

a relação Escritura –Tradição está, com toda a evidência, entrando num terreno mais amplo e generoso. Como uma nova promessa, está chamando todas as teologias a sair de si, à elaboração de uma compreensão mais unitária, simultaneamente mais de acordo com o futuro e mais fiel às origens.¹²⁹

2.4 HISTÓRIA DA SALVAÇÃO E HISTÓRIA UNIVERSAL

Para Torres Queiruga nunca o cristianismo esteve tão diretamente confrontado como hoje com sua missão universal, diante dos diferentes povos e culturas. “Unicamente aquela revelação na qual se alcança a plenitude do homem pode ser, com justiça, universal, ou seja, apresentar-se como oferecimento a todos os homens”¹³⁰. Para tratar da salvação é necessário retomar a atitude do Deus de Jesus Cristo. Um Deus que se apresenta como pura gratuidade, generosidade e amor. A partir de Jesus Cristo, Deus cria o ser humano para plena realização. A concepção de um Deus que invade o inconsciente coletivo dos cristãos

¹²⁸ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 401-402.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 402.

cria aversão, medo, descrédito. Vivemos num tempo em que crentes ou não crentes, não suportam mais as exigências vindas de uma mentalidade religiosa tradicionalista, formalista e ritualisticamente estéril.

Segundo o teólogo Karl Rahner, o cristianismo não é um ensinamento sobre fatos e realidades que sempre se apresentam de maneira igual, mas, sim, é a proclamação de uma história da salvação, de um agir salvífico e revelador de Deus para o ser humano e com o ser humano. Ao mesmo tempo, é também a proclamação de uma História da Salvação e não-salvação, de revelação e sua interpretação que também é feita pela própria pessoa. De tal forma, que a história singular da salvação e revelação, portada pela liberdade de Deus e da pessoa ao mesmo tempo, forma uma unidade¹³¹.

Para Torres Queiruga, a religião atual sobrevive com um peso que não lhe é pertinente. A atual crise religiosa que estamos enfrentando é proveniente da diluição das sustentações que alimentavam este modelo de religiosidade. Diante disso, a necessidade de repensar os fundamentos da fé, tarefa da Teologia e preocupação do autor descrita no livro *Recuperar a salvação*. Para o autor, se Deus cria a pessoa por puro amor e se oferece no amor e na gratuidade, então o ser humano é aquele que acolhe, que deixa ser a ação de Deus em si mesmo.

A Palavra de Deus que nunca se esgota, se encarna sempre, recria a História, assume as questões vitais da vida humana. Ela se concretiza mediante a acolhida e aceitação do ser humano. Diante disso, segundo Torres Queiruga, Deus se aproxima do humano e o auxilia em sua realização. De um lado, portanto, está Deus como pura entrega e doação e, de outro lado, o ser humano que acolhe e recebe a bondade divina. O divino não é adversário do humano. A criação é o lugar efetivo no qual é operada a ação de Deus. Para o autor, salvar não consiste em negar a criação, mas em conduzi-la à plenitude de sua realização. Salvar-se é essencialmente acolher o projeto original de Deus.

A reconstituição da imagem de Deus, segundo a revelação evangélica, permite traçar uma reflexão profunda sobre a fé cristã, permitindo também um diálogo fecundo com as diferentes manifestações religiosas de nosso tempo. Deus manifesta a universalidade de sua mensagem através da forma humilde com que se apresenta e da sua abertura real à universalidade de todos os homens. Em Jesus de Nazaré Deus se encarna, se faz pequeno, simples, humilde, assumindo o sofrimento e a cruz. “A radical oposição de Jesus a particularizar a salvação, evitando assim excluir dela algum grupo ou indivíduo, foi

¹³⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 294.

referendada e visualizada dentro da história: a do sofrimento, a de não ter nada, a de dar absolutamente tudo”¹³².

Para Karl Rahner, a História da Salvação e a revelação de Deus são a síntese já dada da ação histórica de Deus e da ação histórica do ser humano, pois a história divina e humana da salvação não se pode conceber de maneira sinérgica. Deus é, ao mesmo tempo, o fundamento e o que energiza o ser humano com a graça e a responsabilidade pela sua própria ação. Por isso, a ação salvífica divina, manifesta-se sempre na história humana da salvação, a revelação manifesta-se sempre na fé ¹³³.

Jesus de Nazaré se torna um arquétipo real de um sujeito universal para a história, sem títulos, sem glórias, sem privilégios senão o de sua profunda humanidade. O verdadeiro “servo de Javé”, conforme anunciado pelo profeta Isaías (*Is 52-53*). Aquele que não tinha ‘onde reclinar a cabeça’ (*Mt 8,20*) ‘assumindo a condição de escravo’ (*Fl 2,5*)¹³⁴. Percebe-se aqui, mais do que nunca, o amor absolutamente universal que marca o dinamismo da revelação que está na entrega que Deus faz em seu filho Jesus aos humilhados e ofendidos. Não precisamos como cristãos de mais justificativa como presença real da revelação de Deus. “Uma fé que se proclama universal, e que o faz a partir da experiência da cruz, tem de buscar necessariamente o ‘universal humano’ através do esforço de uma maior justiça e de uma melhor vida para todos os homens”¹³⁵.

Para Torres Queiruga, falando-se a partir da revelação na história da salvação em confronto com a história universal, percebe-se que à essência da experiência cristã pertence à consciência de que o que ela descobre não está separado do que descobrem os demais, que o mesmo Deus que salva é o que está trabalhando com sua graça em toda a humanidade a fim de trazê-la à mesma experiência. Portanto o anúncio da mensagem do Evangelho, constitutivo desta experiência, não pode ser feito de forma “imperialista”, como quem quer impor algo, mas de saber que as sementes do Verbo já estão aí presentes na realidade, de que nesta cultura diferente, Deus já está habitando. “O diálogo então torna-se possível, porque consiste em avançar no seio de uma mesma experiência. Não há imposição, porque se trata de ajudar a reconhecer um Deus que é de todos”¹³⁶.

¹³¹ Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*, p. 171.

¹³² TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 294.

¹³³ Cf. RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*, p. 176.

¹³⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 296.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 296.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 300.

Segundo o autor Torres Queiruga, a sensibilidade atual é alérgica a tudo que é particular e tende a se universalizar. No sentido histórico, por outro lado, faz compreender que tudo é situado no tempo e no espaço. Não existe uma universalidade abstrata, mas somente aquela mediada lentamente pelos caminhos da história. A própria Teologia compreendeu que a universalidade somente se realiza pela mediação histórica particular. Por paradoxal que pareça, num mundo sempre mais universalizado, a consciência histórica nos tem feito ver que uma religião somente poderá ser realmente universal se chegar a ser a partir de dentro de uma particularidade histórica¹³⁷.

A universalidade cristã, portanto, não pode querer impor na história nenhum particularismo cultural, mas pelo contrário deve estar disposta a encarnar-se em cada cultura buscando descobrir nela as sementes do Evangelho. A relação entre história universal e história da salvação quer assim nos revelar que a história da salvação não quer de forma alguma ser a negação da história do mundo, e sim sua capacitação e vivência a partir de uma nova e mais profunda relação.

Uma revelação não poderia ser verdadeiramente plena se, de algum modo, não alcançasse todos os homens. Sabemos, no entanto, que na multidão de homens e mulheres destinatários desta revelação constituem uma minoria em contínua regressão, dentro da real universalidade humana. Isto nos revela que um grande número de homens e mulheres não chegará de modo efetivo à revelação bíblica. Como podemos então diante disso, considerar a revelação ‘universal’?

Para Torres Queiruga, se a revelação é tomada em seu significado pleno, como outro nome ou outro modo da salvação, compreende-se a transcendência do que aqui está em jogo. Na realidade, por esta questão, passa uma das divisórias do fazer teológico, segundo se atenda, ou a universalidade numérica dos homens, e aí se dilua a universalidade específica da revelação cristã; ou, ao invés, a centralidade de Cristo, deixando-se na sombra do destino salvífico-revelador da multidão imensa dos que não conhecem¹³⁸. Torna-se necessário uma mediação, caso queiramos manter as duas evidências fundamentais da experiência cristã, ou seja: “A universal vontade salvífica de Deus, ‘que deseja que todos os homens se salvem’ (1Tm 2,4) e a radical centralidade de Cristo, pois ‘não há salvação em nenhum outro’ (At 4,12)”¹³⁹.

¹³⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Autocompreensão Cristã*, p. 26.

¹³⁸ Cf. Idem. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 274.

¹³⁹ Ibidem, p. 274.

A essência de Deus é ser dom e manifestação, não tem necessidade externa, Ele se oferece desde sempre. Torres Queiruga retoma em seu livro, *A revelação de Deus na realização humana* uma colocação de Christian Duquoc segundo a qual muitos tencionam desvincular Deus de uma revelação histórica particular.

Ninguém menos que um pensador tão fino como George Morel chegou a abandonar o cristianismo por isto. Crê, com efeito, que só assim pode assegurar a ‘gratuidade da relação com Deus’, o qual está próximo a todos, e por isso não se envolve na história, pois envolver-se significa escolher, e escolher significa excluir; o Deus particularizado numa eleição histórica, para amar Jacó, tem de odiar Esaú (*Ml* 1, 2-3).¹⁴⁰

No pensamento de Torres Queiruga, a concepção emergente da universalidade reforça a afirmação de que ela nada mais é do que a outra face da plenitude, ou seja: Unicamente aquela revelação na qual se alcança a plenitude do homem pode ser, com justiça, universal, ou seja apresentar-se como oferecimento a todos os homens. Justamente porque em Jesus se alcança esse limite insuperável, rompe-se nele toda particularidade e sua revelação aparece intrinsecamente destinada a todos¹⁴¹.

Fica, sem dúvida, para todos nós a pergunta: se ainda hoje vemos a humanidade num momento crítico de unificação cultural e verdadeira humanização, como foi possível que Deus considerasse ‘maduros’ os tempos há vinte séculos? Quando esta pergunta ultrapassa nossa compreensão, permanece nosso assombro diante da incrível entrega total de Deus a uma história tão imperfeita. Neste sentido não se mostra tão artificial a interpretação de que a revelação definitiva de Jesus se produz, justamente, no tempo em que se dá o mínimo de condições para a inserção efetiva de seu dinamismo na corrente da história universal.

¹⁴⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 279-280.

¹⁴¹ Cf. *Ibidem*, p. 294.

3. JESUS DE NAZARÉ REVELAÇÃO PLENA

Para Torres Queiruga, em Jesus de Nazaré acontece a revelação de Deus em forma plena. Isso não significa conceber este dado como algo negativo, que, de certa forma, paralise a história. Não significa que o Deus que até em tão se revelava ao homem para comunicar-lhe verdades, a partir de Cristo deixasse de fazê-lo. A revelação consiste no lento processo e no longo caminho pelo qual Deus vai seguindo e fazendo sentir sua presença. O ser humano descobre assim, pouco a pouco, o verdadeiro rosto de Deus e, a partir dele, a verdadeira orientação do próprio ser e da própria conduta. Que este processo chegue em Cristo a seu auge, não supõe um acabar-se negativo, e sim totalmente o contrário: o ápice positivo da máxima possibilidade. Em Cristo o homem tem, finalmente, desvendado as chaves fundamentais em que se funda sua existência¹⁴².

Para o autor, esta realidade, longe de paralisar o homem, abre-lhe a possibilidade de realizar-se de modo pleno. Ou seja, o ser humano tem diante de si todas as suas possibilidades. Sabe quem é Deus, embora Ele continue sendo mistério. Mas um mistério já desvelado como amor incondicional e promessa sem volta. Sabe-se qual o sentido fundamental do caminho no mundo e com o próximo diante de Deus, pois está sempre presente o chamado ao seguimento de Jesus.

Torres Queiruga apresenta dois exemplos que podem ajudar a esclarecer isso. Quando a amizade entre duas pessoas chega ao ponto de sua plenitude isso não paralisa a amizade, ao contrário, abre-se ao máximo de suas possibilidades. Outro exemplo se dá na “história da espécie a milenar ascensão da evolução animal que alcança no ser humano a abertura infinita da consciência e da liberdade, chega também a uma plenitude insuperável. Isto não significa paralisação da vida, senão entrada no âmbito pleno e inesgotável da história”¹⁴³.

Para o autor, a revelação que alcança sua plenitude em Cristo não fecha, mas antes abre, não paralisa a presença de Deus mas antes a torna patente em sua máxima atualidade. Por isso, a revelação é sempre atual: Deus continua se revelando, não no modo de abrir

¹⁴² Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização*, p. 414.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 414.

novas chaves, isso já se atingiu em Cristo, mas no modo de poder todos vivê-las na livre acolhida de sua presença viva. Contudo, esta acolhida do Deus que se dá totalmente só foi total em Cristo, para os demais, é um processo sempre aberto e, portanto, história em desdobramento, que tem sempre à frente como meta e como garantia a plenitude do Crucificado-Ressuscitado¹⁴⁴.

A comunhão salvadora e amorosa de Deus com o homem que alcança em Cristo sua plenitude, não significa um fim, mas o grande começo, a ‘nova criação’, o espaço onde a todo homem é aberta a possibilidade de avançar para a idade adulta ‘até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo’ (Ef 4,13).

As religiões foram, ao longo dos tempos, espaços e modos de configurar socialmente o descobrimento do divino como Esperança contra a dor e o sofrimento humano. Por isso, a Bíblia foi abrindo-se desde o exílio da Babilônia até a salvação que abarca todos os povos. E, sobretudo, por isso a esperança se abre no Evangelho para ‘todos os povos’, com a segurança de que o Senhor estará com eles ‘até o fim do mundo’ (Mt 28,19-20)¹⁴⁵. Paulo foi quem procurou explicitar esta idéia que estava viva, mas nem sempre explícita no anúncio de Jesus. Revelando-nos Deus como o *Abbá* que ama todos sem discriminações nem favoritismos, até o ponto de não excluir sequer os maus, a quem faz compartilhar com os bons o sol e a chuva. Consciente da ameaça de desesperança que paira sobre a humanidade, Paulo pôde falar dos que ainda não descobriram o Senhor como daqueles que estão ‘sem esperança e sem Deus no mundo’ (Ef 2,12; Cf. 1Ts 4,13). Mas a experiência da salvação a partir de Cristo o fez ver que, se todos estávamos sob o poder do pecado (Rm 3, 9-23) e se todos continuamos sob a ameaça da desesperança, todos vivemos já envolvidos na graça salvadora e nos ‘gloriamos na esperança da glória de Deus’ (Rm 3, 2)¹⁴⁶.

3.1 JESUS DE NAZARÉ, REVELAÇÃO PLENA

Segundo Torres Queiruga, em Jesus a autocomunicação de Deus alcança sua plenitude insuperável e definitiva. A história da salvação se torna plena em Jesus de Nazaré.

¹⁴⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 414.

¹⁴⁵ Cf. Idem. *Esperança apesar do mal*, p. 110.

¹⁴⁶ Cf. Ibidem, p. 110-111.

Podemos constatar isso ao longo do Novo Testamento. Como por exemplo nos sinóticos quando se diz: ‘não vim revogar a lei, mas dar-lhe pleno cumprimento’ (*Mt.* 5,17). Como também na elaboração joanina de Jesus como o ‘logos de Deus’ ‘pleno de graça e de verdade’ (*Jo* 1,14.16-17). A carta aos Hebreus também formula esta idéia de forma bem consciente: ‘Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, a nossos pais pelos profetas. Agora, neste período definitivo, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas’ (*Hb* 1,1-2)¹⁴⁷.

A revelação plena está, de fato, incluída no mistério de Cristo e só a partir dele pode ser entendida. Isso significa que nele aconteceu de modo insuperável o encontro revelador de Deus com o ser humano, ou seja: “A livre decisão divina de comunicar-se totalmente e sem reservas. Cristo é o homem capaz de experimentar em toda a sua radicalidade a presença ativa de Deus que se nos quer dar, e capaz também de acolhê-la com a entrega absoluta de sua liberdade”¹⁴⁸.

Segundo o pensamento de Torres Queiruga, podemos afirmar que na história da salvação, antes de Cristo, tudo foi caminho rumo a Ele e, depois dele, um caminhar a partir de sua plenitude. Nele a revelação não é um ditado, mas uma pessoa com toda a riqueza do humano em todas as dimensões. Quando a crise modernista buscava superar a concepção intelectual, foi a figura de Jesus Cristo que apareceu como chave para uma nova compreensão. Não é mera figura retórica dizer que a vida e atuação de Cristo, não menos que suas palavras, constituem a substância da revelação. Ele é a verdade e viveu a verdade, não menos que a manifestou. Cada movimento de sua vida no Espírito significa um ajustamento de todo seu espírito, mente, coração e vontade. Portanto, quando Deus se revela ao espírito num grau extraordinário, é na experiência total que devemos buscar a revelação e não simplesmente no elemento mental. Deus age com obras, não só com palavras¹⁴⁹.

Em Jesus nos encontramos diante de uma existência humana na qual estão já aplicadas todas as chaves, na qual o ser humano alcança sua realização última e definitiva. O projeto de Deus diante do ser humano alcança em Jesus a realização plena. Nada ficou para ser desvelado, na relação amorosa e livre de Deus para com o ser humano.

Para Torres Queiruga, em Cristo, como plenitude da existência na acolhida e na entrega, se abre, ao máximo, a capacidade de infinito, realiza-se na história o que parecia

¹⁴⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 229.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 241.

¹⁴⁹ Cf. Ibidem, p. 243.

impossível. Jesus Cristo se torna presença pessoal de Deus para o homem, realiza-se nele aquilo que se considera por vezes impossível:

Que Deus possa abrir para o homem sem nenhum tipo de reserva, o mistério absoluto de seu amor e de sua irrevogável decisão salvadora e que a partir da humanidade esse amor e essa decisão possam ser acolhidos numa opção total, sem reservas de egoísmo nem deformações de pecado.¹⁵⁰

Segundo Queiruga, em sua plenitude, totalmente entregue à História, Jesus Cristo recolhe em si elevando a pleno cumprimento todo processo revelador anterior, no qual ele mesmo cresce como homem e o cumpre como Filho. Sobretudo quando ele abre a todos os homens e mulheres o acesso a essa plenitude, ou seja: a partir dele, toda humanidade é colocada na nova situação, tendo já e para sempre a possibilidade de participar dessa realização definitiva. Esta possibilidade que pode ser vivida e experimentada por cada nova geração de filhos e filhas¹⁵¹.

Através de sua vida terrena e ressurreição gloriosa, Jesus Cristo constitui o marco de toda a realização cristã. Sua vida, enquanto “revelada”, se torna modelo a ser imitado como vida verdadeiramente humana em entrega absoluta na morte. Através da ressurreição, converte-se num modelo vivo e criador da História. Vivo, porque não estamos confinados na mera recordação, mas assistidos por sua presença real: mediante seu espírito, o ressuscitado torna continuamente efetiva a revelação¹⁵².

Portanto, a revelação plena em Jesus de Nazaré vem a ser como que uma abertura individual e histórica. Individual, enquanto cada pessoa tem na entrega absoluta de Jesus um caminho, e histórica, enquanto se tem na presença do Ressuscitado um caminho aberto ao futuro como realidade a ser construída. A vida de Jesus como nosso modelo concreto, e a ressurreição como campo inesgotável alimentam a nossa caminhada histórica e cristã. História aberta que nos diz que não podemos esperar: o paraíso na terra foi desvelado definitivamente como fantasma totalitário e perigoso pela manifestação suprema da cruz¹⁵³.

¹⁵⁰ TORRES QUEIRUGA A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 269.

¹⁵¹ Cf. *Ibidem*, p. 269.

¹⁵² Cf. *Ibidem*, p. 270.

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, p. 271.

Toda a História de Israel que, de certa forma, apropriava-se do acontecido como povo “eleito de Deus”, encontra em Jesus a universalização. Derruba-se o muro (*Ef* 2,14) eliminam-se as diferenças de homem ou mulher, escravo ou livre, judeu ou grego (*Gl* 3, 28).

Agora, já não é apenas Israel quem pode apropriar-se, mas o mundo inteiro: todos os povos e todas as religiões recebem a possibilidade de fazerem-se discípulos (*Mt* 28,20), de entrar na posse da ‘incomensurável’ riqueza já manifestado por Deus em Cristo (*Ef* 3,8).¹⁵⁴

A plenitude em Jesus se revela como universalismo absoluto e sem fronteiras, na totalidade do tempo e espaço. Deus se revela à humanidade de forma livre e sem reservas, e, em Jesus de Nazaré, encontra a máxima recepção possível na história. “Cristo foi o homem capaz de experimentar em toda a sua radicalidade a presença ativa de Deus e acolhê-la na entrega absoluta de sua liberdade”¹⁵⁵. Jesus Cristo também foi humano, e por isso limitado, teve que ir perfazendo seu caminho. Dentro da história não podia viver na plena transparência: de fato, os próprios evangelhos já nos apresentavam Jesus envolvido na busca e na pergunta até o último momento de sua vida: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”? (*Mt* 15,34). Somente através da ruptura dos limites históricos pela morte, pôde entrar na luz plena da ressurreição¹⁵⁶.

Torres Queiruga afirma que a experiência do “*Abbá*” em Jesus alcança sua grandeza insuperável e rompe todas as expectativas, adquirindo intensidade e ternura que vão alimentar para sempre a experiência religiosa. “Constitui o núcleo mais íntimo e original de sua personalidade”¹⁵⁷. A revelação de Deus em Jesus na experiência de audácia e ternura constitui o anúncio de um tempo novo: do homem filial, porque tem a segurança de que Deus, em sua profundidade mais abismal e em sua interioridade mais entranhável, é um Deus paternal. Jesus estava consciente da novidade e de suas conseqüências, como mostra, maravilhosa e misteriosamente, seu ‘hino de júbilo’: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultastes estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos

¹⁵⁴ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 272.

¹⁵⁵ Idem. *O diálogo das religiões*, p. 49.

¹⁵⁶ Cf. Ibidem, p. 54.

¹⁵⁷ Idem. *Creio em Deus Pai*, p. 96.

pequeninos”(Mt 11,25)¹⁵⁸. Desta forma, percebemos que Deus revela em Jesus sua paternidade entranhável como fonte de confiança e ternura que alimenta a vida e missão de Jesus, e que permanece até os dias de hoje, alimentando a vida de seus seguidores e seguidoras.

Em Jesus de Nazaré se manifestou o máximo da revelação de que Deus é amor e perdão incondicional. Jesus é o Filho de Deus, porém, distinto de nós. Não podemos ver quem é Deus, senão em Jesus, pois Ele não fala de si mesmo mas do ‘*Abbá*’, o Pai¹⁵⁹.

É importante, ao se falar que a revelação em Jesus Cristo alcança plenitude, refletir sobre a ‘consciência humana de Jesus’. A teologia clássica trabalhou por muito tempo com um esquema vertical e monofisista sobre isso. Jesus teria chegado a terra sabendo já de tudo, e sua missão constituiu em ir revelando-nos isto aos poucos. Vem a ser este o significado da conhecida tripartição da ciência de Cristo: beatífica, infusa e experimental. Porém a ciência infusa e a beatífica eram, por definição, algo dado e perfeito, que a humanidade de Jesus recebia positivamente. Por isso, tudo era claro para ele, sem sombra de dúvida, erro ou ignorância.

Hoje, mesmo sem ter tudo totalmente claro, segundo Torres Queiruga, a Teologia já compreende que a divindade de Jesus se realiza em sua autêntica humanidade. A mesma pessoa que crescia em estatura, passando de criança que não sabia andar nem mesmo alimentar-se, a jovem e adulto capaz de trabalhar e de percorrer seu país, sua união com o Pai, foi sendo descoberta em sua missão por meio de um processo autenticamente humano. Faz-se necessário dar destaque a esta questão a fim de nos sensibilizar para o caráter encarnado do processo revelador¹⁶⁰.

Por mais que busquemos compreender, percebemos que não existem dimensões mais profundas na relação do ser humano com Deus do que a revelação de Deus na pessoa de Jesus Cristo e seu projeto. Em Jesus, Deus se revela um Deus amor por excelência, vem ao nosso encontro em sua humanidade, se faz um de nós e nos ama sem medida. Revela-nos que, “Deus é Pai e amor, que nos ama muito mais do que podem amar-nos um pai ou uma mãe, que ama sem condições e perdoa sem limites, que o faz com todos, sem exceção, que o amor é a única lei da vida, que o serviço é a norma”¹⁶¹.

¹⁵⁸ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai*, p. 97.

¹⁵⁹ Idem. Anotações pessoais da palestra: *O fazer teológico em tempos pós-modernos*, proferida em São Leopoldo, na Unisinos, em 27.05.2004.

¹⁶⁰ Cf. Idem. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 71-72.

¹⁶¹ Ibidem. *O cristianismo no mundo de hoje*, p. 23.

3.1.1 A Cruz como sinal revelador

Dentro dos lugares teológicos da revelação de Deus no dizer do autor está a Cruz e a Ressurreição de Jesus. Deus nunca esteve tão perto de Jesus como na cruz. O Pai não queria que Jesus morresse, queria simplesmente sua fidelidade à missão que lhe confiara. O abandono faz parte do humano, e não há mal nenhum que nos possa afastar do amor de Deus. Só é digna uma fé que acredita no amor. Deus não quis a morte de seu Filho, como também não quer o mal no mundo. Sofrimento e dor humana são experiências de que Deus se compadece. Jesus não queria morrer na cruz, assumiu-a por amor aos seus. O amor suporta o sofrimento.

A morte de Jesus na cruz não foi algo querido por Deus. O querer divino, está apenas na livre assunção dos fatos provocados pela liberdade humana, passando por cima de um prévio e decidido ‘não querer’ nada de mal para seu Filho. “A cruz é um produto terrível do pecado, se a encarmos na perspectiva humana; e é manifestação do amor levado até as últimas consequências, se a olharmos da perspectiva do Cristo”¹⁶². Podemos ainda ver este acontecimento como revelação extrema do amor de Deus na pessoa de Jesus.

Jesus assume a cruz porque, na verdade, o ser humano não tolera a defesa do pobre, do oprimido. Jesus não compactuou com a injustiça e hipocrisia dos homens. Ele, bom como é, assumiu posição em defesa dos mais fracos, até as últimas consequências. Ele “foi fiel à sua missão, dando-se sem reservas, sem guardar nada para si, nem sequer o mais valioso: sua própria vida, sua ilusão de ver coroada sua obra”¹⁶³.

Segundo Torres Queiruga, se perdermos isso de vista, a morte de Jesus passa a ser vista como um fantasma teológico, frio e sem sentido. Corre-se o risco de olhar como “um escândalo” que torna incompreensível o amor de Deus. Pois “vista em seu realismo cru, a morte na cruz apareceu como um supremo indicador do amor de Jesus e do amor do Pai e abre diante de nós sua inesgotável exemplaridade e sua capacidade de redenção”¹⁶⁴. Jesus não morre na cruz por um capricho ou em força de uma maldade absoluta e desencarnada. Os que fizeram com que ele morresse tinham motivos muito sérios para agir como agiram.

¹⁶² TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a salvação*, p. 181.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 181.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 182.

Para os escribas, os fariseus e os anciãos, Jesus rompia com todos os seus esquemas religiosos e interditaria um sistema social que estava profundamente socializado e lhes conferia sua própria identidade: que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda (*Jo* 11,50).¹⁶⁵

Jesus morre na cruz, segundo o autor, condenado por uma religião e por uma política como tantos profetas de ontem e de hoje, e, de certo modo, como todos aqueles que lutam em favor da paz e da justiça. Jesus vive até o extremo o fracasso constitutivo da história de dor da humanidade. Deu sua vida por amor e foi esmagado justamente por aqueles a quem amou. A perseverança até o fim foi o selo de seu amor. Ele se torna para nós exemplo e modelo de como assumir na esperança o fracasso que a vida nos apresenta. Entrega-se ao amor, apesar de toda incompreensão. Diante desta realidade é que podemos entender a cruz como sinal revelado, ou seja, como expressão do amor e da entrega da vida pelo Filho de Deus.

Deus, em tudo isso, “age como o autêntico Pai que acompanha seu filho na vida, sem nunca inibir sua iniciativa nem anular sua personalidade”¹⁶⁶. Jesus não morre desesperadamente, no mais profundo de si, permanece uma grande confiança: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (*Lc* 23,46). Não há melhor explicação para atitude do Pai do que aquela contida na Bíblia: Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único (*Jo* 3,16). O óbvio e surpreendente amor do Filho, se dá por nós “até o fim”. Deus por querer unicamente nos salvar, consente na imensa dor de tolerar a morte de seu Filho¹⁶⁷.

Em Jesus revela-se a nós o supremo amor como sentido e expressão da cruz. Vendo o que se passa com Jesus podemos melhor encontrar a certeza de nossa salvação. Deus está conosco, ainda que não o vejamos, ainda que tenha de nos deixar afundar na dor e, por fim, na morte. Esse é o preço inextinguível da finitude, verdadeiramente, Jesus penetrou em nossa dor para salvá-la e apropriou-se do que há de mais terrível em nossa condição, com o objetivo de nos possibilitar e nos ajudar a assumi-la¹⁶⁸. Isso se torna um sinal revelado do próprio Deus. Sem esse sentido profundo da cruz, torna-se difícil convencer o ser humano a respeito do amor de Deus, e mais ainda, de seu apaixonado interesse em nos

¹⁶⁵ TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a salvação*, p. 182.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 183.

¹⁶⁷ *Cf. Ibidem*, p. 184.

¹⁶⁸ *Cf. Ibidem*, p. 185.

salvar. Mas a partir disso será possível dizer ao ser humano que a sua cruz tem um sentido, principalmente quando assumida nesta mesma perspectiva de Jesus Cristo.

Segundo Torres Queiruga, a entrega de Jesus na cruz, por puro amor, é o suficiente para justificar sua dor vivida na entrega e na confiança. Essa entrega na cruz revela o amor absoluto de Deus que em Jesus se torna visível à humanidade. Mas não podemos apenas olhar este fato do sofrimento, da dor e da entrega confiante na cruz, mas olhar toda a vida de Jesus como absoluto desprendimento e entrega incondicional. Jesus foi pobre. Podemos contemplar isso a partir da gruta onde nasce, da túnica, único bem material que lhe restara, sorteada ao pé da cruz. “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (*Mt* 8,20; *Lc* 9, 58). Jesus se identifica aqui com a sorte dos pobres¹⁶⁹.

O autor cita o “Quarto Cântico” do servo de *Iahweh*, no qual desde o início, a comunidade cristã reconhece Jesus, realização plena da figura do servo que acumula em si a negatividade humana que já nem parecia mais gente. “Eis que meu servo há de prosperar, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. Exatamente como multidões ficaram pasmadas á vista dele, tão desfigurado estava seu aspecto e a sua forma não parecida de um homem... era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade. Como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava (*Is* 52,13-14; 53,3-4).

Embora numa perspectiva diferente, Paulo também descreve a dialética humilhação-exaltação de Cristo, ou seja, o significado profundo da *kénosis*, do esvaziamento. “Jesus esvaziou-se totalmente de si mesmo, de sua ‘condição divina’ e assumiu a ‘condição de escravo’ que situando-o no último degrau da escala humana, permitiu-lhe ser ‘simplesmente homem’ em toda a universalidade e por isso nos salvou”¹⁷⁰.

Em Jesus de Nazaré não aparece de forma alguma um Deus afastado da miséria humana. Da angústia do ser humano, diante da força cega das catástrofes naturais ou diante da dor da mãe na morte do filho único, ou dos irmãos quando morre seu irmão querido, ou da tremenda solidão dos excluídos da sociedade, da fome, da sede, do desamparo, da violência¹⁷¹.

¹⁶⁹ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a salvação*, p. 186-187.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 190.

¹⁷¹ Cf. *Ibidem*, p. 124-125.

3.1.2 A revelação de Deus na Ressurreição de Jesus

A maneira como o autor coloca a questão e orienta para soluções aos inúmeros problemas que suscita a fé cristã na ressurreição, coincide com a posição dos melhores autores contemporâneos, mas supõe a superação de inúmeras falsas abordagens que prevaleceram até em passado recente e ainda estão vivas no vocabulário e na mentalidade dos cristãos, mesmo os católicos.

Segundo Torres Queiruga, assim como a compreensão da revelação, também a revelação na ressurreição de Jesus não pode ser compreendida como algo milagroso, alheio à realidade humana, sem conexão com a experiência. Cabe aqui o esforço de perceber a revelação de Deus na realidade bem humana de Jesus de Nazaré, no contexto religioso e cultural em que viveu Ele e seus discípulos.

A teologia bíblica revela a incompatibilidade, por exemplo, entre imortalidade e ressurreição. “Uma convicção não somente contrária à evidência histórica, como ainda por cima, potencialmente perigosa, à medida que converte a ressurreição em algo isolado da real experiência humana e, portanto, não verdadeiramente comunicável”¹⁷².

Para o autor, falar em ressurreição implica em falar de uma vida presenteada por Deus ao ser humano que, em si, é imortal. Para a Bíblia, a vida eterna é um dom divino.

Com efeito, quem entender o mundo, o mesmo que o ser humano em corpo e alma, como uma criatura, a saber, como saído em sua totalidade da vontade do criador, e, por conseguinte, recebendo o ser recebido desta origem, é possível que, ao mesmo tempo, tenha este ser, chamado do nada, por algo que seja por si mesmo estável, e que considere inimaginável que esse se volte ao nada. Em todo caso, o próprio conceito de criatura faz com que esta seja incapaz de se conservar por si mesmo no Ser.¹⁷³

Não somente o concebido caráter unitário da antropologia bíblica, mas também, e com maior razão, o caráter estritamente pessoal da relação com Deus faz com que o pensamento bíblico pense a ‘pessoa inteira’ quando fala de ressurreição. “É o sujeito orante

¹⁷² TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a ressurreição*, p. 122.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 124.

e sofredor, gozoso e adorador, não uma parte do mesmo que anseia pela comunhão eterna com Deus”¹⁷⁴. Nota-se aqui, como até mesmo os que acentuam o dualismo e a imortalidade natural insistem em que “na morte não morrem, tomada a coisa com rigor, nem o corpo do homem nem a sua alma, mas o ser humano em si mesmo”¹⁷⁵.

O caráter pessoal da ressurreição segundo a Bíblia, é de suma importância, pois, entre categorias do pensamento humano, unicamente as pessoais podem ajudar a compreender este mistério no qual a máxima comunhão com Deus não leva o indivíduo à dissolução, mas antes à sua máxima afirmação: “Ali chegando, serei verdadeiramente pessoa, disse de forma admirável Santo Inácio de Antioquia”¹⁷⁶.

Solidária com o caráter pessoal, para Torres Queiruga, a criação induz a uma tematização clara, tanto do valor permanente e intransferível do indivíduo como da história como processo único e irreversível em que se realiza. Na concepção bíblica, a repetição de vidas diferentes não encontra lugar, pois esvaziaria de sentido a experiência desta relação única de cada indivíduo com o Criador. E dado que, justamente por influência da Bíblia, o sentido histórico constitui um dos fundamentos irreversíveis da cultura ocidental¹⁷⁷.

Segundo o autor, a concepção bíblica da ressurreição está íntima e indissolivelmente unida à idéia de uma história que, para o indivíduo e a humanidade, se apresenta como caminho único. De tal modo que, partindo do amor criador de Deus e acompanhada por ele, tal história desenvolve-se em um tempo irreversível, para alcançar a plenitude na comunhão definitiva da salvação¹⁷⁸. Isso não impede, no entanto, que aprendamos aspectos colocados em especial relevo pela ressurreição, como por exemplo, “a vivenciar melhor a profundidade infinita de nossa origem no seio eterno de Deus, a repensar o tema de uma possível maturação nessa passagem misteriosa que une a morte física e a plena comunhão final”¹⁷⁹.

A ressurreição de Jesus coloca-se, portanto, numa situação, que supõe uma experiência nova, não numa experiência milagrosa, mas numa experiência real. “Daí que o próprio fato de falar em novidade ou em caráter específico da ressurreição de Jesus,

¹⁷⁴ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a ressurreição*, p.124.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 124-125.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 126.

¹⁷⁷ Cf. *Ibidem*, p. 129.

¹⁷⁸ Cf. *Ibidem*, p. 130.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 130.

portanto, de uma situação, supõe que teve de haver uma experiência nova. De outro modo, a afirmação ficaria reduzida a conceitos vazios ou palavrórios sem sentido”¹⁸⁰.

Para Torres Queiruga, a dificuldade que se manifesta aqui talvez seja da própria compreensão de experiência que temos e que aqui iremos tomá-la no seu sentido mais óbvio de “encontro consciente com o real que se impõe por si mesmo.” Ou seja, determinar-nos de maneira precisa em que consiste a novidade da experiência da ressurreição. Isso porque, dado o seu caráter transcendente, a novidade não pode ser buscada diretamente em acontecimentos empíricos ou em modificações empíricas de realidades mundanas. Algo que, em princípio, é hoje aceito por quase todos, na medida em que, geralmente, se exclui o caráter estritamente milagroso dos acontecimentos pascais. Esta exclusão, no entanto, por vezes não se mantém em sua coerência. Normalmente, isso se dá mediante qualificações lingüísticas ou deslocamentos semânticos: não são milagres ‘espetaculares’, o ressuscitado é invisível e intangível, mas se deixa ver ou tocar de maneira ‘especial e misteriosa’; não é objetivável, mas perceptível aos olhos da fé¹⁸¹.

Para o autor, outro elemento a considerar quando se fala da experiência é a tendência a só pensar em experiências pontuais e concretas, como se toda experiência tivesse de ser feita sobre algum dado ou fenômeno particular, concreto e isolado. O próprio Aristóteles falava que existe outro significado fundamental: o da experiência no singular, como resultado integrador de diferentes ‘experiências’, como resultado de toda a vida. Ao pensar na ressurreição, é preciso referir-se a uma experiência global desse tipo.

Concretamente, podemos analisar a realidade dos primeiros discípulos. Trata-se de toda uma experiência que eles realizaram numa situação concreta em que se encontravam. Situação fruto de uma intensa convivência com Jesus, do impacto que tiveram com sua morte e das experiências que vieram depois dela. Tudo isso os levou a uma nova configuração de sua realidade vital, que até então só era compreensível para eles se contemplassem também nela o dado “novo” da ressurreição de Jesus. Ou seja, somente ao se aperceberem de que Jesus não fora anulado pela morte, mas que continuava vivo e presente em pessoa embora num modo novo de existência, eles podiam compreender a si mesmos, a Jesus e Deus em quem acreditavam¹⁸².

Segundo o que nos diz o autor, ao analisarmos a ressurreição de Jesus como referência para nossa fé cristã, percebemos que prevalece algo em comum, a marca da

¹⁸⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a ressurreição*, p. 133.

¹⁸¹ Cf. *Ibidem*, p. 133-134.

¹⁸² Cf. *Ibidem*, p. 135.

continuidade com a fé presente na tradição bíblica e conseguida através de um longo e duro processo revelador. Dentro desta realidade os discípulos corresponderam e também confessaram que Jesus de Nazaré, “assassinado injustamente por sua fidelidade, não permaneceu aniquilado pela morte física; senão que ele cumpriu de maneira exemplar o destino do justo: que Deus o ressuscitou e que, por isso, continua vivo apesar de sua derrota aparente”¹⁸³.

Sem romper este plano, faz-se sentir outra realidade mais profunda, que é o que marca a diferença. Nota-se, principalmente, no fato de que não se vá sem mais “ao céu”, pois a ressurreição não significa que Jesus perca o contato com a história e se afaste da comunidade. Pelo contrário, toda a ênfase está em que se torna presente de “uma nova forma”, reavivando a fé, chamando para missão e sustentando a esperança no futuro¹⁸⁴.

Segundo Torres Queiruga, sabemos que a narração das aparições do ressuscitado não pode ser tomada ao pé da letra, pois são construções imaginativas com base nas recordações do Jesus a quem os discípulos haviam visto e ouvido. Todavia, narram uma relação real, pois verdadeiramente o Senhor, morto e desaparecido da visibilidade histórica, fez-se para eles presença viva e pessoal, reavivando sua fé e transformando a sua vida. Desse modo, torna-se claro que a função da recordação imaginativa consiste em dar concretude à experiência atual, que de outro modo, tornar-se-ia indeterminada, diluída e psicologicamente ineficaz¹⁸⁵.

Assim como os discípulos, também nós somos privados da presença física de Jesus morto na história. Como eles, também nós estamos situados perante a presença transcendente mas real do ressuscitado. Profundamente mudado, porque alcançou a plenitude, Ele é o mesmo Jesus que os discípulos conheceram. “Como Cristo glorioso identificado com o Pai, o Nazareno tem agora um novo modo de existência; contudo, continua sendo o mesmo: com idêntico amor e idêntica ternura, com o mesmo cuidado e a mesma entrega”¹⁸⁶.

¹⁸³ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a ressurreição*, p. 140.

¹⁸⁴ Cf. *Ibidem*, p. 141.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*, p. 144.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 244.

3.2 UNIVERSALIDADE DA REVELAÇÃO NO ENCONTRO COM AS RELIGIÕES

Segundo Torres Queiruga, ao longo dos tempos dentro da visão tradicional nas religiões, fomos acostumados a conceber Deus como o “Senhor” que nos cria para servir. Disso nasce uma idéia dualista, ou seja, o que vem de Deus corresponde a uma realidade “*sagrada*” e outra, que vem de nós, o “*profano*”. Esta idéia continua, em boa medida, dominando o imaginário cristão, conseqüentemente levando a uma práxis dicotômica. Muito mais quando se pensa na idéia de “salvação” e “criação”. Aos poucos a teologia iniciou um processo de superação dessa visão buscando uma coerência e aproximação mais plena entre salvação e criação. A idéia de criação a partir do amor, que se faz única e exclusivamente a partir de nós, elimina todo equivoco e rompe pela raiz com todo dualismo. Falar de salvação tende a induzir o pensamento a entender que a Deus só interessa o “religioso”, aquilo que se relaciona com Ele. Ao invés, falar de criação permite considerar que o que lhe interessa somos nós, tudo em nós, corpo e espírito, individuo e sociedade, cosmo e história¹⁸⁷.

Torres Queiruga chega a afirmar que Deus não cria homens e mulheres “religiosos”, cria simplesmente homens e mulheres humanos, porque em se tratando de religião como um pensar em Deus e servir a Deus, o Abbá de Jesus não procura buscar a si mesmo nem ser servido. Jesus Cristo em sua prática pensa em nós e busca exclusivamente nosso bem¹⁸⁸.

As conseqüências dessa compreensão são importantes, porque nos leva a uma visão que nasce de um modo aberto e positivo de situar-nos no mundo. As práticas que contribuem para o crescimento e amadurecimento da vida humana colocam-se no dinamismo do Criador. Tendo esta nova imagem de Deus, conseqüentemente, somos conduzidos a uma nova imagem do cristianismo. Uma imagem que leva a uma nova relação com as outras religiões e com a própria sociedade.

O autor, após desenvolver a idéia da revelação presente na palavra, na tradição e na história, amplia seu pensamento para a revelação que se dá nas diferentes religiões. Segundo ele, até pouco tempo, fomos levados a pensar, pela teologia e tradição da Igreja, que “Deus escolhera um povo, ao qual somente entregara a revelação sobrenatural,

¹⁸⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Um Deus para hoje*, p. 27.

deixando todos os outros no estado de uma religião natural”¹⁸⁹. Na raiz desta concepção estava um modelo de revelação como um ‘ditado’ divino no qual cabia ao ser humano a leitura da palavra e a acolhida das verdades. Dentro disso cabia a compreensão de que “fora da Igreja não há salvação”. Felizmente, com a caminhada da Igreja, especialmente com o Concílio Vaticano II buscou-se superar essa realidade, mesmo que com certa timidez, admitindo a “verdade e eficácia salvífica” das outras religiões¹⁹⁰. Embora, se possam constatar os limites e o vazio existente entre os princípios afirmados no Concílio, com o hábito mental que continua bastante presente no imaginário dos cristãos. Percebe-se no entanto, como essa concepção elitista e egoísta não cabe, quando se fala, na universalidade radical e na generosidade infinita do Criador.

É evidente que um Deus que cria por amor, vive debruçado com generosidade irrestrita sobre todas e cada uma de suas criaturas. Não cabe pensar na imagem cruel de um pai egoísta que, gerando muitos filhos, preocupa-se só com os seus preferidos, rejeitando os outros¹⁹¹.

Desde o início do mundo, mulher e homem nasceram e foram amparados e promovidos pelo amor incondicional do Deus da revelação. As religiões, no fundo, buscam configurar de forma visível esta descoberta e por isso se consideram reveladas. “E é preciso sempre partir, portanto, do princípio de que todas as religiões são verdadeiras e constituem, por isso mesmo, caminhos reais de salvação para os que honestamente os praticam”¹⁹².

Segundo Torres Queiruga, a criação é fruto do amor do Criador, portanto a experiência religiosa, ou a religião como tal, transforma-se num auxílio necessário e indispensável para a realização do ser humano. A salvação do homem consiste essencialmente na acolhida do projeto original do criador.

Isso não significa que todas as religiões vivam com igual coerência. Pois, tem a ver com a situação histórica e as circunstâncias a que surgiram. Edward Schillebeeckx entre

¹⁸⁸ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Um Deus para hoje*, p. 28.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 31.

¹⁹⁰ Cf. *Ibidem*, p. 32, Cf. Nota 21. Nesta nota Torres Queiruga cita um documento conciliar, decisivo para nosso tema: “A Igreja católica não rejeita nada do que nestas religiões (não cristãs) há de verdadeiro e santo. Considera com sincero respeito os modos de agir e viver, os preceitos e doutrinas. Ainda que divirjam em muitos pontos do que ela professa e ensina, não poucas vezes refletem uma centelha daquela verdade que ilumina todos os homens. (...) Por conseguinte, exorta seus filhos a que, com prudência e caridade, mediante o diálogo e a colaboração com os adeptos de outras religiões, dando testemunho da fé e da vida cristã, reconheçam, guardem e promovam aqueles bens espirituais e morais, assim como os valores sócio-culturais que neles existem”. *Nostra Aetate*, nº 2.

¹⁹¹ Cf. *Ibidem*, p. 33.

¹⁹² *Ibidem*, p. 34.

outros autores, trabalha a realidade da experiência e revelação e abre possibilidade do diálogo entre as religiões cristãs e não cristã quando afirma, por exemplo, que não existe ruptura entre fé e experiência, e que, portanto, “é na experiência que a pergunta humana e a oferta cristã podem chegar a um encontro real. O homem moderno reflete sobre determinadas experiências e as interpreta, muitas vezes, tateando cautelosamente de modo religioso”¹⁹³.

Olhando desta forma, segundo o que nos diz Torres Queiruga, percebe-se que não existe religião sem alguma verdade, como também nenhuma absolutamente perfeita. O próprio São Paulo no entusiasmo inicial de nossa Igreja, chega a afirmar que o cristianismo achava-se em pobres ‘vasos de barro’ (2Cor 4,7). Aqui talvez esteja a raiz da diferença existente entre as religiões: Deus doa-se o quanto pode em todas elas; mas a acolhida difere, forçosamente, em cada uma. Isto não tem nada de parecido com “eleição” divina arbitrária, mas quando, dentro da própria religião com suas possibilidades, alguém responde honestamente a Deus, tem o direito de sentir-se único para ele e, nesse sentido, “eleito”, ainda que seja melhor evitar essa perigosa expressão, pois o amor não discrimina (Cf. 1Cor 12) e Deus não faz acepção de pessoas (Rm 2, 11).

A convicção de que a revelação divina culminou em Jesus Cristo deve estar longe de qualquer favoritismo. É antes, uma forma de expressão máxima do amor e da encarnação de Deus em nosso meio e uma forma de chegar ao coração de todos os que acreditam.

Para Torres Queiruga, quando conhecemos de perto as riquezas simbólicas, os rituais e a arte presentes nas demais religiões, não podemos continuar pensando que fora da Bíblia, o que vem das outras religiões tudo são trevas e provêm do maligno. Aqui pode nos ajudar muito a compreensão que John Hick tem desta realidade quando afirma que as religiões, cada uma delas, são totalidades complexas de respostas ao divino, com suas diferentes formas de experiência religiosa, seus próprios mitos e símbolos, seus sistemas teológicos, suas liturgias e sua arte, suas éticas e estilos de vida, suas escrituras e tradições: todos os elementos que interagem e se reforçam mutuamente. E essas totalidades diferentes constituem respostas humanas diferentes, no contexto das culturas¹⁹⁴.

Para Torres Queiruga, falando agora do cristianismo, afirma que “o Deus que se revela a nós não aparece jamais como possessão própria nem salvação exclusiva, e sim como aquele que mantém sua transcendência gratuita e intrinsecamente destinada a

¹⁹³ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a Cristologia*, p.74.

todos”¹⁹⁵. Sem dúvida, desde o início do cristianismo primitivo, houve o cuidado e a preocupação em compreender de fato a implicação universalista da mensagem evangélica.

A experiência cristã, que bem rápido anunciou a centralidade de Cristo, a ponto de afirmar que “não há salvação em nenhum outro” (At 4,12), não podia deixar de proclamar igualmente a universalidade da salvação que brota da essência mais íntima de seu Deus que ‘é amor’ (1 Jo 4, 8-16) e que por isso mesmo ‘quer que todos os homens se salvem’ (1Tm 2,4).¹⁹⁶

Segundo Torres Queiruga, a relação de diálogo com outras religiões e a constatação da revelação de Deus em cada uma, remete à fé cristã e a leva a interrogar-se, desapropriando-se de qualquer egocentrismo. “O encontro com as religiões se insere nessa mesma dinâmica, emoldurando em um regime de dom e gratuidade, dentro do qual a concorrência ou a tentativa de domínio acaba desmascarada como soberba e pecado”¹⁹⁷.

Deus manifesta sua presença real e salvadora no coração de toda a história humana, que se traduz de forma mais concreta nas religiões. A revelação não poderia ser verdadeiramente plena, se, de algum modo, não alcançasse todos os homens e mulheres. Portanto se justifica, aqui, a necessidade da universalidade da revelação. A universalidade da revelação pode-se dar unicamente através da mediação histórica particular. Dificilmente conseguiremos buscar um diálogo autêntico com outras religiões quando partimos do pressuposto de que “nós somos a religião verdadeira” e que as outras manifestações religiosas são falsas. Isso porque toda pessoa humana está em constitutiva relação sobrenatural com Deus, em relação viva com Ele.

As religiões são exatamente a tematização desta relação, por isso que “todas as religiões” podem ser consideradas verdadeiras. “A questão é, pois, ver o ‘grau de verdade’ que, nesta difícil e obscura peleja por captar a irradiação amorosa do mistério, alcança cada religião”¹⁹⁸. Visto que o cristianismo, em sua missão de anúncio e denúncia, não vai ao deserto da pura ausência, mas à plenitude da própria experiência, reconhece ser um “servo

¹⁹⁴ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *O diálogo das religiões*, p. 16-17.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 21.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 21-22.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 22.

¹⁹⁸ Idem. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 341.

inútil” que não busca anunciar a si mesmo, não é dono da semente que lança e muito menos a faz crescer (Cf. *1Cor* 3,6-7). Dá gratuitamente o que de graça recebeu¹⁹⁹.

Para o autor, na realidade que vivemos hoje, é preciso ir além da própria religião, saber que existe pluralismo religioso dentro da própria Igreja católica. Não podemos absolutizar o que dizemos sobre Deus. As formulações sobre Deus não são absolutas. Compreende-se, portanto, que toda religião seja revelada na justa medida em que é capaz de dar-se conta da presença de Deus e acolhê-la, em contraste com o ateísmo que nega sua presença²⁰⁰.

Aceitando como necessária uma base pluralista, Queiruga fala num pluralismo assimétrico, categoria esta imperfeita, como todas, numa questão ainda em movimento, mas que permite juntar realismo e respeito e postula a necessidade do diálogo. O pluralismo num diálogo assimétrico, afirma que a revelação de Deus nas religiões possui autonomia histórica, entra em relação dialética com o cristianismo e as outras religiões e não numa relação de dependência. O que não significa que todas as religiões são igualmente reveladoras, pois o amor de Deus é, sim, irrestrito, mas a recepção humana resulta inevitavelmente desigual tanto na história da religião como entre as distintas religiões²⁰¹. Impõe-se diálogo e respeito.

Respeito, porque sem negar o fato das diferenças, reconhece inequivocamente revelação real em toda religião. Diálogo, porque sob a assimetria ‘horizontal’ entre as religiões, reconhece, mais fundamentalmente, a ‘vertical’ de todas com Deus. Nenhuma configuração religiosa pode esgotar a infinita riqueza do Deus sempre maior que, transbordando toda compreensão particular, descentra todas para o mistério comum.²⁰²

Segundo o autor, toda religião é finita, não existe nenhuma que seja em todos os aspectos, melhor nem pior que as demais, e que, por isso, não tenha algo que aprender e algo que oferecer. Não somente a religião senão todo verdadeiro conhecimento de Deus é revelado. É claro, o conhecimento concreto e não considerações abstratas.

¹⁹⁹ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 342.

²⁰⁰ Idem. Anotações de um polígrafo: *A teologia desde a modernidade*, entregue por ocasião do Simpósio: “O lugar da Teologia na Universidade do Século XXI”. Em São Leopoldo, na Unisinos, em 27.05.2004.

²⁰¹ Cf. Idem. Repensar o pluralismo: da inculturação à inreligiosação. *Concilium*. nº 319, 2007, p.113.

²⁰² *Ibidem*, p. 113-114.

Segundo o autor, toda a religião nos leva a reconhecer a presença de Deus, a dar resposta às nossas perguntas humanas. “Em última instância, às perguntas mais humanas que existem: por que nascemos, para que vivemos, o que será de nós, por que o mundo existe, quais são as metas fundamentais do nosso existir”²⁰³. Não que a religião tenha respostas prontas para isso, mas a atitude religiosa surge quando o ser humano se dá conta que existem perguntas para as quais só há satisfação quando nossa existência está apoiada em Deus, em sua presença. “E compreende igualmente que era Deus quem já estava suscitando essa resposta, quem a estava revelando”²⁰⁴.

Esta realidade é comum a todas as religiões, daí que o diálogo entre as diversas religiões, tem adquirido grande relevância em nosso tempo. Seria muita pretensão querer que somente em nossa religião se encontrem as respostas para as grandes e urgentes perguntas da humanidade. É evidente que, os que nos confessamos cristãos, o fazemos porque nos parece que a resposta cristã é, definitivamente, a mais completa, a que melhor responde no seu conjunto. Porém, ao mesmo tempo, sabemos que no humano não há perfeito. Um cristão pode e deve aprender do budista, do hinduista, do islamita ou de seguidores de qualquer religião²⁰⁵.

Para Queiruga, o que mais importa em tudo isso, não é a religião em si, mas a contribuição que a religião pode dar à existência humana. As diferentes religiões são captações do irrestrito manifestar-se de Deus. Ao invés de exclusivismos, faz-se necessário partir do fundamental: todas as religiões são verdadeiras, no sentido que nelas se capta realmente, mesmo se inadequadamente, algo da presença de Deus. Os limites estão no modo e na definitividade. São verdadeiras e autêntica revelação, como o Vaticano II reconhece solenemente, mesmo se captada em limites de tempo, lugar, cultura²⁰⁶.

A revelação bíblica tem seus pecados e suas deformações, mas superou-se em Jesus Cristo. Longe de ser um favoritismo, constitui uma estratégia do amor de Deus, que busca atingir todos os povos. Israel conseguiu acolher Deus num caminho bem próprio e original. Revelou uma sensibilidade sem limites para captar a presença divina em seu caráter pessoal e histórico. Deus, que em seu amor sem fronteiras não busca outra coisa senão manifestar-se o máximo possível a todos os homens, “aproveitou” essas possibilidades que ele mesmo sustentava para oferecê-las também aos demais. O que não significa que, como

²⁰³ TORRES QUEIRUGA, A. *O cristianismo no mundo de hoje*, p. 14.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 15.

²⁰⁵ Cf. *Ibidem*, p. 16.

²⁰⁶ Cf. *Idem*. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 415.

às vezes ingenuamente se supõe, Deus abandonasse os demais, pois a revelação continuou trabalhando a intimidade de todas e de cada uma das religiões²⁰⁷.

Portanto, o diálogo com as demais religiões requer verdade e realismo. Primeiro, porque parte da tentativa de descobrir melhor a presença de Deus que é de todos e a todos se manifesta. E em segundo lugar porque há de se tratar sempre de um “oferecimento maiêutico”, apoiado não sobre a excelência da própria religião, mas sobre “o Deus que quer ser dado à luz” na consciência de toda a humanidade. Assim, todas as religiões têm algo a oferecer. Todos damos e recebemos, porque nada é nosso, tudo é graça. Graça destinada a todos.

A experiência religiosa dá-se misturada às experiências humanas, porém sob a luz e em base à tradição religiosa concreta em que se está e que serve de marco interpretativo que dá sentido à vida. Desta forma, a fé procede de uma escuta atenta da mensagem cristã, porém se consome e se transmite em uma experiência pessoal.

Aqui podemos encontrar uma linha de pensamento de Schillebeeckx, segundo ele, como o ser humano pode chegar à religião através da experiência com outras pessoas e com o mundo, esta mediação mundana explica a diferença entre as distintas religiões. A pluralidade de religiões pode explicar-se pela mesma raiz, ou seja, pela multiplicidade de experiências humanas dentro de uma história e de uma situação concreta. Assim, falar de Deus a partir de experiências humanas está essencialmente relacionado com a possibilidade de falar religiosamente das experiências mundanas, ainda que sempre à luz de uma determinada tradição religiosa, por exemplo, a tradição experiencial cristã²⁰⁸. A religião tem a ver com o dia-a-dia da vida das pessoas.

A religião é coisa bem terrena, pois nasce precisamente das necessidades, buscas, esperanças, angústias e ilusões mais enraizadas na realidade humana. Fala da vida e da morte, da conduta individual e da relação com o próximo, refere-se a todos os aspectos da existência.²⁰⁹

O encontro e o diálogo entre as religiões no mundo tornaram-se hoje um dos temas mais discutidos não só na teologia, como também na filosofia da religião e na cultura.

²⁰⁷ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 416.

²⁰⁸ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Fé cristiana y sociedad moderna*, p. 100.

Existem dois textos emblemáticos que Torres Queiruga trabalha em seu livro *Autocompreensão Cristã*, que podem nos ajudar a compreender melhor quando se fala em diálogo entre as religiões. Ambos os textos provêm da mesma autoridade religiosa. O primeiro pertence ao concílio de Florença, e é de 1442:

Crê firmemente, confessa e prega (o Concílio) que ninguém dos que estão fora da Igreja católica, não só os pagãos, mas, também, os judeus ou heréticos, bem como, os cismáticos, podem vir a se tornar participantes da vida eterna; pelo contrário, irão ao fogo eterno, “ que está preparado para o diabo e seus anjos”, mesmo que, antes do fim de sua vida, forem agregados a esta Igreja.²¹⁰

O segundo pertence ao Concílio Vaticano II, e é de 1965:

A Igreja Católica não rejeita o que há de verdadeiro e Santo nas religiões não cristãs. Considera com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas. Se bem que em muitos pontos estejam em desacordo com que ela mesma tem e anuncia, não raro, contudo refletem lampejos daquela verdade que ilumina a todos os homens (...) exorta, por isso, seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e a vida cristã, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores sócio-culturais que entre eles se encontram.²¹¹

Cronologicamente, observa Queiruga, entre estes dois textos há pouco mais de quinhentos anos. Ideologicamente, parecem milênios. Faz-se necessário reconhecer também que, passados pouco mais de quarenta anos, este último nos soa ainda bastante tímido.

Estes textos nos colocam diante de um problema profundo. “Durante séculos, a teologia cristã pôde passar à margem das religiões não cristãs sem perceber a

²⁰⁹ TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a Criação*, p. 32.

²¹⁰ Idem. *Autocompreensão Cristã*, p. 13.

²¹¹ Ibidem, p. 13.

monstruosidade que significa excluir seus fiéis de toda revelação e salvação divinas”²¹². Hoje, segundo Torres Queiruga, mais do que nunca, se faz necessário uma renovação de conceitos capazes de fazer frente à situação atual. Uma concepção de revelação baseada numa leitura fundamentalista da Bíblia, ou em velhas posturas intelectuais e pré-criticas, ou que não olhe de frente para os novos dados da situação cultural e religiosa será incapaz, já em sua raiz, de uma compreensão tanto teórica como aberta a uma atitude digna e respeitosa na prática²¹³.

Segundo o autor, diferentes encontros teológicos favoreceram a perceber a convivência e a partilha da experiência de Deus nos projetos de vida de nossos povos. Ajudaram a reascender a esperança e a entrar em intercâmbio com as culturas oprimidas de nosso continente. O diálogo face aos diferentes conceitos de Deus existente entre o povo poderá nos reunir em torno dos valores essenciais e contra o inimigo comum: a idolatria e suas consequências²¹⁴.

3.3 A REVELAÇÃO COMO REALIZAÇÃO ÚLTIMA DO SER HUMANO EM PLENITUDE ESCATOLÓGICA

Segundo Torres Queiruga, as diferentes esferas da atividade humana são como que o corpo em que a revelação busca se encarnar. Um corpo que tem sua dinâmica, forma seu mundo e se integra nas diferentes culturas. De um lado a revelação evita que o ser humano permaneça preso à banalidade, a idolatrias e, de outro, o mantém aberto para a emergência humana no encontro com Deus²¹⁵.

A revelação como última e autêntica realização do homem não atenta contra sua autonomia. Ao contrário, interessa-se por ele de forma positiva e o promove. “Na realização do ser humano realiza-se a revelação, a qual por sua vez constitui sua última e suprema possibilidade”²¹⁶. O Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes* nº 21 confirma isto:

²¹² TORRES QUEIRUGA, A. *Autocompreensão Cristã*, p. 15.

²¹³ Cf. *Ibidem*, p. 17.

²¹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 8.

²¹⁵ Cf. *Idem*. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 220.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 220.

A esperança escatológica não diminui a importância das tarefas temporais, mas antes proporciona novos motivos de apoio para seu exercício. Faltando, ao contrário, esse fundamento divino e essa esperança de vida eterna, a dignidade humana sofre gravíssimas lesões.

A revelação como realização última do ser humano coloca-o como um ser crente, aberto e plenificado na comunhão com Deus que vem ao seu encontro desde o mais além de sua finitude. A revelação leva-o a superar o “mau” e o “bom” do esforço humano por compreender-se e realizar-se.

Acolher a revelação na fé, significa fazer a descoberta de que a totalização do homem, atravessando e incluindo em si todo o seu esforço cultural, completa-se ultimamente no encontro pessoal com Deus, o qual se converte assim na chave que tudo ilumina de novo e permite sua integração definitiva.²¹⁷

Para o autor, quando em suas buscas o homem reconheceu seu esforço de autenticidade e acolhida consciente da revelação, “a totalização de seu ser no insuperável encontro com o amor e com a intimidade de Deus, sabe que então tocou o mais alto e insuperável de seu ser. Encontrou a pérola e o tesouro que valem mais do que tudo e pelos quais tudo se pode vender”²¹⁸. Portanto, a revelação como realização última do homem não é uma metáfora e sim a culminância.

Não se pode confundir o visível e o palpável com o real: a realidade definitiva do homem está justamente nesta fronteira inacessível e sempre entregue ao movimento da liberdade humana que acolhe o dom da liberdade divina. É isso que o eleva continuamente acima de si de modo que, a partir da fé, o ser humano vai se definindo pelo encontro com o Deus que se entrega livremente. Neste sentido o ser sempre mais humano pertence-lhe como um constitutivo ontológico²¹⁹.

Segundo Torres Queiruga, em Cristo a autocomunicação de Deus alcança sua plenitude insuperável e definitiva. A partir da revelação como realização última do homem,

²¹⁷ TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 222.

²¹⁸ Ibidem, p. 225.

²¹⁹ Cf. Ibidem, p. 226.

a salvação do ser humano deixa de aparecer também como uma interrupção ou irrupção externa, para ser uma eclosão de dentro do próprio processo, que na ‘plenitude dos tempos’ abre à ação criadora as últimas portas para sua realização definitiva na humanidade. Criação, salvação, glorificação formam desse modo o *continuum* do amor divino, que, criando-nos filhos e filhas, nos acompanham na dura luta do crescimento histórico até acolher-nos na filiação plenamente realizada, quando o ‘conheceremos como somos conhecidos’ (Cf. 1Cor 13, 12)²²⁰.

²²⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *Esperança apesar do mal*, p. 90.

CONCLUSÃO

Chegando ao final desta dissertação sobre os lugares teológicos da revelação divina no pensamento teológico de Andrés Torres Queiruga, não pretendo afirmar que são apenas estes os lugares da revelação de Deus, mistério que é muito maior do que nossa capacidade de compreensão e nossa experiência. São importantes, todavia, os elementos teológicos apresentados por Andrés Torres Queiruga ao descrever os lugares por ele privilegiados da revelação de Deus.

Mesmo que o autor procure responder ao desafio moderno da fé partindo da experiência, os lugares teológicos da revelação divina, seja na experiência humana, na tradição ou na história, como também em Jesus de Nazaré que é a revelação plena, não esgotam por completo a revelação de Deus. Pois tudo está sujeito a mediações, inclusive a revelação. As experiências da revelação de Deus podem ser ‘explicadas em parte’, sem por isso serem entendidas no que lhes é essencial. A graça e o amor de Deus vão além das mediações humanas.

O autor na trajetória de sua reflexão, além de acenar para os lugares teológicos da revelação de Deus, como sendo a experiência humana, a tradição, a história e sua culminância em Jesus de Nazaré, amplia o horizonte, reconhecendo a revelação nas diferentes expressões religiosas. Para o diálogo, no entanto, com essas expressões religiosas diz o autor, faz-se necessário repensar os conceitos da teologia cristã e a forma de nos relacionar com Deus. Isso implica numa mudança de paradigma.

Diante do atual momento de crise causada pela secularização e o ateísmo, torna-se um desafio repensar conceitos e a forma de conceber a relação de Deus conosco. Tal reorganização do pensamento religioso, de acordo com o momento atual, quando chega a afetar o conjunto da humanidade, constitui uma mudança de paradigma. Referimo-nos à necessidade de uma nova forma de conceber a religiosidade, ou a espiritualidade. Segundo Torres Queiruga a intuição básica capaz de contribuir hoje para a articulação de um novo paradigma da espiritualidade e que se faz necessário retomar, é a do ‘Deus que cria por amor’. A absoluta iniciativa divina pensada e vivenciada neste novo contexto leva a uma atitude que talvez expresse bem a mudança de paradigma: viver tudo desde DEUS. Pode

ser esta também uma chave de leitura para o diálogo com as diferentes expressões religiosas.

Com respeito à pós-modernidade, não se tem resposta de um perfil tão nítido, mas isso não significa que respostas não estejam sendo dadas e talvez de uma forma mais intensa e plural. O fato de o cristianismo estar sendo vivido nesta situação, de algum modo está se dando respostas reais. Ou seja, ter fé, hoje, significa ser um ‘cristão pós-moderno’. Os desafios da pós-modernidade no seu conjunto foram tão grandes que a Teologia se viu obrigada a dar respostas imediatas que em muitos casos foram mais acomodações do que um repensar profundo da Teologia²²¹.

Para o autor, a necessidade de um novo paradigma para a teologia cristã se fundamenta na atual realidade cultural-religiosa do mundo. A vertente religiosa dessa nova realidade cultural, à primeira vista, oferece um ‘espetáculo paradoxal’: De um lado, crise da religião, desencantamento do mundo, secularismo generalizado, ateísmo rompante; e de outro lado, um mundo povoado de deuses, religiosidade redescoberta, florescimento renovado da religiosidade popular. Frente à proliferação de novas formas de religião com suas correspondentes espiritualidades, segundo Torres Queiruga, há que se perguntar sobre a participação do cristianismo nesse processo. Para ele tal fenômeno responde a uma insatisfação generalizada, que procura preencher o vazio provocado pelo abandono da religião herdada, em alguns casos, ou pelo descontentamento com suas formas estabelecidas, em outros. Diante disso, aparece o que se chama de ‘terreno abandonado’, lugar onde o anseio de transcendência é sentido sem encontrar uma resposta satisfatória. Faz-se necessário diante de tal constatação, estudar atenta e compreensivamente as causas dessa insatisfação em sua referência específica ao cristianismo²²².

Para Torres Queiruga, o confronto entre modernidade e cristianismo pode ser explicado pela ‘estreiteza dogmática’ que se apoderou de ambos. No entanto, a realidade histórica presente oferece a oportunidade para uma visão de conjunto que propicie um diálogo realista, uma atitude mais compreensiva e real. Portanto, o cristianismo pode escolher dois caminhos: o da reação apologética ou o da criatividade histórica. O primeiro busca as formas duras do fundamentalismo e do endurecimento institucional, procurando ‘cerrar fileiras’ em torno de um ‘pequeno rebanho’. Este, segundo o autor, seria o caminho

²²¹ Cf. TORRES QUEIRUGA A. *Fim do cristianismo pré-moderno*, p. 121.

²²² Cf. Idem in SILVA, José Maria. *Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andrés Torres Queiruga*. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_silva.pdf>. Acesso em 28/05/2009.

mais equivocado. O segundo caminho seria o mais crível, ou seja, o da criatividade histórica, deixando-se questionar, renovando o contato com suas raízes, aberto às mudanças, à conversão. Adentrando por este caminho, o cristianismo terá de dar respostas diferenciadas às duas etapas do desafio global, que são a modernidade e a pós-modernidade²²³.

A crise que originou a modernidade consistiu em pôr em questão desde os alicerces todo o marco em que a experiência cristã era configurada. Torres Queiruga acredita que a Teologia tenha de levar isso muito a sério. Segundo ele, o Cristianismo entrou em crise no ‘mundo moderno’ precisamente por não ter adequado a forma da fé à nova situação. E agora, reconhecendo a necessidade de mudança real, faz-se necessário, segundo o autor, assumir esta realidade e buscar uma adequação.

Descer às próprias raízes para elaborar a partir delas uma resposta de conjunto. Em termos evangélicos, diríamos que não é mais hora do remendo de pano novo sobre o pano velho, mas a de odres novos para o vinho de um tempo novo. Em terminologia mais atual, basta dizer que já se passou o tempo da acomodação ou do simples reajuste, e se impõe uma mudança de paradigma.²²⁴

Para Torres Queiruga, a crise nasce justamente porque os moldes culturais da sociedade atual se romperam, tornando-se opacos à experiência originária. Portanto, o desafio está nisto: ou se repensa a experiência originária da experiência cristã ou se continua sem perceber seus reflexos na cultura.

Queiruga se arrisca a indicar algumas idéias fundamentais em torno dos quais é possível articular um novo paradigma. A princípio pode ser articulado a partir de três eixos, que são: a) *O eixo da criação*: este eixo insiste que a criação se realiza, única e exclusivamente, por amor às criaturas, permite ver a Deus como afirmação infinita do ser humano e de seu mundo. A ação criadora tanto mais é e mais se expande, quanto mais a criatura se realiza. Para São Paulo a criação chegará à culminância ‘quando Deus for tudo em todos’ (1Cor 15,28), ou seja, quando a pessoa alcançar sua máxima plenitude. b) *O*

²²³ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. in SILVA, José Maria. *Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andrés Torres Queiruga*. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_silva.pdf> Acesso em 28/05/2009.

²²⁴ Idem. *Fim do cristianismo pré-moderno*, p. 121.

eixo da salvação: a partir da criação, fica claro que Deus cria por amor e unicamente buscando o bem da criatura, a partir do eixo da salvação através de Cristo, fica ainda mais fácil ter acesso a esse abismo de bondade. Se Deus cria é porque, apesar de tudo, o mundo vale a pena. Rompidos pela morte os limites da história, Deus se mostra capaz de acolher, com o poder de seu amor a finitude humana tornando-a infinita, de algum modo, ao acolhê-la na comunhão de sua vida eterna. c) *O eixo da revelação*: a continuidade entre criação e salvação se prolonga na revelação. Deus é uma presença sempre atual que sustenta, promove e habita a criatura. A experiência bíblica fala de um Deus sempre em íntima relação conosco. Santo Agostinho diz que ele nos é ‘mais íntimo que nossa própria intimidade’. A revelação é um constante aperceber-se de sua presença. “Verdadeiramente, *Iahweh* estava aqui e eu não sabia”(Gn 28,16). Vemos assim que a revelação é experiência real e verdadeira, pois remete a uma presença viva que precisa ser reconhecida²²⁵.

Torres Queiruga insiste na necessidade de que a teologia cristã enfrente a necessária mudança de paradigma repensando todos e cada um de seus grandes problemas à luz da nova situação, dando com isso uma guinada em seus conceitos.

A partir da reflexão de Torres Queiruga sobre os lugares teológicos da revelação de Deus, no contexto latino-americano, pode-se tranquilamente dizer, como um acréscimo ao pensamento do autor, que um dos lugares privilegiados considerado teológico é o ‘mundo dos pobres’. Eles não podem ser vistos apenas como objeto de compaixão e de mero assistencialismo, ou como vítimas do pecado social e estrutural. Mas podem ser vistos como lugar teológico privilegiado da revelação de Deus, pois, como nos diz o Evangelho “a eles foram revelados os mistérios do Reino, ocultos aos sábios e prudentes deste mundo” (Lc 10,21). Lugar especial para, a partir deles, reler a própria Tradição da Igreja e a Palavra de Deus.

A teologia latino-americana passa a perceber a história como um dos lugares teológicos da revelação, mas, a partir de seu reverso. A partir daqueles que ‘não tem poder’, que não triunfam, que historicamente foram explorados, ou seja, ‘os pobres.’ Como vemos na prática de Jesus, é partindo da ovelha que está fora que se garante a inclusão de todos, é abraçando o príncipe perdido que se faz festa com todos, é recebendo os pecadores à mesa que se dá a vida por todos. O lugar do pobre é o lugar da universalidade, a partir do

²²⁵ Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno*, p. 122-129.

qual todos têm possibilidade de encontrar Deus, de entendê-lo e dele receber a salvação ‘universal’²²⁶.

A partir do lugar teológico dos pobres podem-se entender melhor quem é o próprio Cristo, sua vida e sua missão. Ele não só deu preferência aos mais pobres, àqueles necessitados de cura e de dignidade, como também, identificou-se com eles. Mesmo como Senhor, ele é identificado nos evangelhos como aquele que serve, o menor. Segundo o teólogo Luiz Carlos Susin, no livro *Descer da cruz os pobres*, a partir do lugar teológico dos pobres se entende melhor o ser humano, sua fragilidade, um ser necessitado dos outros. Pode-se descobrir neste ‘vazio’ *o não ser deste mundo*.

A partir do lugar teológico dos pobres pode-se conceber melhor a essência e a identidade da Igreja com Povo de Deus, servidora, capaz de colocar-se a serviço dos mais pobres e necessitados, como foi Jesus. E, por fim, a partir deste lugar teológico pode-se compreender melhor quem é Deus, o modo dele ser e atuar na vida e na história. *A glória maior é um Deus humilde*, diz Santo Agostinho, resumindo assim a revelação evangélica de Deus, a grandeza de Deus em quem é pequeno. A prática da justiça para com o pobre e indigente, segundo Jeremias, já é “conhecer” a Deus (Cf. *Jr 22,16*)²²⁷.

Concluindo a pesquisa sobre os lugares teológicos da revelação de Deus, nota-se que, ao falar de revelação na experiência humana e na história, o autor não discute a fundo a categoria de experiência e nem de história. Não deixa claro em que consiste cada uma delas. Uma das questões, por exemplo, que não aborda é a dimensão política da história. Ou seja, a percepção das implicações que a mensagem cristã apresenta no campo político e social; e o desafio de ver como a mensagem cristã, o pensamento teológico, podem desenvolver uma nova relação entre teoria e práxis. Os valores da tradição bíblica como a justiça, a paz, a liberdade, a reconciliação não são um horizonte vazio, mas trazem consigo uma dimensão pública e uma função crítico-libertadora diante do processo histórico e social. Jesus, ao proclamar a Boa Notícia do Reino, a salvação, foi impulsionado a uma prática política, na relação com os diferentes grupos religiosos-políticos de seu tempo. A revelação cristã constitui uma fé que não leva apenas a tomar consciência dos valores cristãos e de uma relação viva com Deus, mas também compromete a uma transformação social e política da vida e da realidade. É importante saber reler a história da salvação e o

²²⁶ Cf. VIGIL, J. M. *Descer da cruz os pobres*, p. 327.

²²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 328-329.

processo evangelizador também nesta perspectiva levando, assim, a uma fé mais viva e a uma consequente práxis libertadora.

Outra observação ao pensamento do autor é que ele, ao falar da revelação de Deus nas diferentes expressões religiosas, não faz menção da revelação de Deus na experiência religiosa vivida em expressões culturais, simbólicas e litúrgicas da fé cristã ou em outras expressões religiosas. A dimensão religiosa contempla necessariamente o aprofundamento da experiência de Deus que se dá também a partir da cultura. A cultura pode tornar-se um lugar da revelação de Deus, pois é a partir de sua cultura que o ser humano busca o sentido da vida, da morte, da convivência. Aprende-se a olhar a revelação não somente do ponto de vista da fé, mas também em experiências religiosas litúrgicas que o ser humano realiza através das expressões simbólicas e culturais.

Não podemos absolutizar o que dizemos sobre Deus. Nenhuma das formulações feitas sobre Deus é absoluta. Compreende-se, pois, que toda religião é revelada na justa medida em que significa dar-se conta desta presença de Deus e acolhê-la em contraste com o ateísmo que nega tal presença.

Concluindo, vemos que Deus, se revela a nós de maneira única e irrestrita em seu amor que é sem medida. Cabe a nós, como humanos, sermos resposta a esta revelação de Deus. Ele de muitos modos se revelou ao longo da história da salvação, na Tradição da Igreja, na Palavra. Quanto mais permitirmos acolher a presença de Deus em suas diferentes formas de se revelar, mais poderemos fazer a experiência de seu amor, bondade e misericórdia. Diante das diferentes manifestações religiosas, das diferentes questões relacionadas com a fé, a religião, segundo Andrés Torres Queiruga, muitas vezes, faz-se necessário reaprender a fazer silêncio. Silêncio do missionário em meio às demais culturas e tradições religiosas, silêncio que é contemplação das maravilhas que Deus já vem operando em todos os povos, em cada ser humano. Por outro lado, é preciso estar preparados para tomar a palavra e dar as razões de nossa fé.

REFERÊNCIAS

ANDRÉS TORRES QUEIRUGA:

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A Revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Autocompreensão cristã: diálogo das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993.

_____. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Esperança apesar do mal: a ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *O cristianismo no mundo de hoje*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *O que queremos dizer quando dizemos inferno*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Repensar a Ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Recuperar a Criação: por uma religião humanizadora*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1999 (Col. Teologia hoje).

_____. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. São Paulo: Paulus, 1999 (Col. Teologia hoje).

_____. *Repensar a Cristologia: sondagens para um novo paradigma*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Um Deus para hoje*. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. O Mistério de Jesus o Cristo: divindade “na” humanidade. *Concilium*, 326, (2008/3), p. 33-44.

_____. O Vaticano II e a Teologia. *Concilium*, 312, (2005/4), p. 20-33.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. Repensar o pluralismo: da inculturação à inreligiosação. *Concilium*, 319, 2007/1, p.110-113.

_____. *A teologia desde a modernidade*. Polígrafo entregue por ocasião do Simpósio: “O lugar da Teologia na Universidade do Século XXI”. Em São Leopoldo, na Unisinos, em 27.05.2004.

_____. *O fazer teológico em tempos pós-modernos. Anotações pessoais de uma palestra proferida por ocasião do Simpósio: “O lugar da Teologia na Universidade do Século XXI”*. Em São Leopoldo, na Unisinos, em 27.05.2004.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

BIBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1985.

FERRANDIN, Jairo. Apreciação sobre o livro: *Recuperar a Salvação*. Por uma interpretação libertadora da experiência cristã de Andrés Torres Queiruga traduzido do espanhol por Afonso Maria Ligorio Soares. Disponível em: <<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=6&fasciculoid=56&sumarioid=752>>. Acesso em: 26 de maio de 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. *Novo Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Franklin. *Ensaio Karl Barth: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/biografias/barth_franklin.pdf>. Acesso em 07 de junho de 2009.

GIBELLINI Rosino. *A Teologia do Século XX*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Servir a Cristo na Comunidade: O ministério Presbiteral em Edward Schillebeeckx*. São Paulo: Loyola, 1993 (Col. Fé e Realidade).

LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992 (Col. Fé e realidade).

MOLTMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana, revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *Cristo Y Los Cristianos*. Gracia Y Libertación. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

_____. *Fé Cristiana y sociedad moderna*. Madrid: Ediciones SM, 1990.

SILVA, José Maria. *Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andrés Torres Queiruga*. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_silva.pdf> Revista de Estudos da religião nº 2 / 2006/> pp. 43-70. Acesso em 28/05/2009.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Resenha sobre o livro com o mesmo título de Torres Queiruga: *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 46-73. Disponível em: <www.lanteri.org.br/htm/queiruga.htm>. Acesso em: 26 de maio de 2009.

SUSIN, Luiz Carlos. O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja. In: VIGIL, José Maria. (Org). *Descer da cruz os pobres: Cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p.322-329.